



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS

JOSIELE DA SILVA VIEIRA

**A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO *SE LIGA NA LÍNGUA***

CAMPINA GRANDE
2023

JOSIELE DA SILVA VIEIRA

**A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO *SE LIGA NA LÍNGUA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras-Português.

Área de concentração: Sociolinguística

Orientador: Prof. Me. Roberto Barbosa Costa Filho

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

V658a Vieira, Josiele da Silva.
A abordagem da variação linguística em livros didáticos de língua portuguesa [manuscrito] : uma análise da coleção *Se liga na língua* / Josiele da Silva Vieira. - 2023.
86 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Roberto Barbosa Costa Filho, Departamento de Letras e Artes - CEDUC. "

1. Variação linguística. 2. Preconceito linguístico. 3. Livros didáticos. 4. Língua portuguesa. I. Título

21. ed. CDD 410

JOSIELE DA SILVA VIEIRA

A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO *SE LIGA NA LÍNGUA*

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras
Português da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Graduada em Licenciatura Plena em
Língua Portuguesa.

Área de concentração: Sociolinguística

Aprovado em: 29 / 06 / 2023

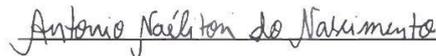
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Roberto Barbosa Costa Filho (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Josemir Domingos da Silva (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Antonio Naéliton do Nascimento (Examinador)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

À minha família, que sempre me incentivou nos estudos e não mediu esforços para estar ao meu lado me apoiando. Por todo cuidado, e por contribuir para o meu crescimento nessa trajetória, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, meu refúgio e força, que tornou tudo isso possível. Sou grata por sempre ter me dado paciência e sabedoria para lidar com cada obstáculo vivenciado ao longo dessa jornada acadêmica. Grata, principalmente, por me conceder chegar a esse momento tão especial em minha vida. Sem a sua proteção não sou nada.

Agradeço à minha mãe, Lucilene, por não ter medido esforços para a minha criação, por acreditar em mim e fazer de tudo para que eu alcançasse meus objetivos. Por me apoiar em todas as decisões. Minha fonte de inspiração.

À minha avó, Maria Salete, por todo cuidado e proteção, sobretudo, pelo carinho e companheirismo em todos os momentos. Grata por todo apoio, não tenho palavras suficientes para agradecer pelos esforços que você sempre fez por mim. Sempre buscando dar o melhor para mim. A senhora é luz em minha vida.

Agradeço à minha irmã Joseane, que sempre me incentivou, me passou segurança em relação aos desafios que encontrei durante a graduação, principalmente, quando eu estava ansiosa e desesperada, buscando sempre mostrar que eu seria capaz de vencer qualquer obstáculo. Grata por todo cuidado e carinho que tem por mim.

Agradeço a meu irmão Joelson por todo apoio e pelas noites que passava imprimindo trabalhos para mim. Grata por todas as vezes que me levava ao ponto de ônibus para ir para a Universidade.

Agradeço ao meu noivo Ademir, por tudo que sempre fez e faz por mim. Sempre me apoiou e pensou positivo, fazendo o máximo possível para que eu conseguisse conquistar essa vitória. Grata por todas as vezes que mesmo você estando bastante cansado, chegava do trabalho e ia direto me buscar nas escolas onde eu estava estagiando. Obrigada por todo cuidado e apoio.

Agradeço ao meu orientador, o professor Roberto Barbosa Costa Filho, por toda ajuda, compreensão e dedicação ao longo deste percurso. Grata por sua leitura sempre atenta, pelas diversas contribuições para a minha formação, pelo exemplo de profissionalismo e ser humano. Sempre foi paciente durante todo o processo de produção, buscando mostrar que eu seria capaz de realizar essa pesquisa. Obrigada por conduzir-me até aqui, sem a sua imprescindível orientação não seria possível a concretização desta pesquisa.

Ao professor José Josemir Domingos da Silva, pelos seus ensinamentos durante a graduação, pela participação na banca examinadora de Defesa e, principalmente, por toda

ajuda desde o projeto de pesquisa. Apesar de não ter tido disponibilidade para ser meu orientador, mostrou-se disponível a todo momento para ajudar. Grata por todos os conhecimentos passados e por sua amizade.

Grata ao professor Antonio Naéliton do Nascimento, por aceitar participar da banca examinadora, suas contribuições são significativas para meu processo de aprendizagem e formação.

A todos os professores da graduação, principalmente, aos que eu tive o prazer de criar um vínculo de amizade nesta instituição. Todos os ensinamentos passados por vocês durante o processo de formação me fizeram amadurecer de forma crítica e reflexiva, me fortalecendo para me tornar uma profissional de qualidade.

Às minhas amigas Ana Paula e Cristina, que me acompanharam nessa batalha. Obrigada pelo incentivo constante e pelas ajudas durante essa formação. Principalmente, pelas conversas descontraídas, o que tornava tudo mais leve.

Agradeço a todos os meus colegas de graduação, desde os mais íntimos até os mais distantes. Vocês foram essenciais nessa trajetória, cada um com seu jeito particular conquistou um espaço no meu coração.

Por último, mas não menos importante, agradeço a mim, por ter conseguido chegar nessa etapa final. Por nunca ter desistido, mesmo quando o medo e a insegurança tomavam conta de mim, foram várias provações. Mas jamais baixei a cabeça, sempre me dediquei o máximo possível para conseguir concluir essa graduação. Foram muitos dias de estudos, várias noites em claro para que ocorresse tudo certo, tanto que nunca fiz final em nenhum componente curricular. Até porque eu sou uma pessoa muito perfeccionista.

A todos, muito obrigada!

“O real estado da língua é o das águas de um rio, que nunca param de correr e de se agitar, que sobem e descem conforme o regime das chuvas, sujeitas a se precipitar por cachoeiras, a se estreitar entre as montanhas e a se alargar pelas planícies...” (BAGNO, 2007, p. 36).

RESUMO

A presente pesquisa apresenta uma análise feita em livros didáticos de Língua Portuguesa, aprovados pelo PNLD, 1º edição, ano 2018. Diante de tal contexto, nesta investigação, definiu-se como questão de pesquisa: como é abordada a variação linguística nos livros didáticos de Língua Portuguesa da coleção *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*, destinados ao ensino fundamental II? Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a abordagem dada à variação linguística nos livros didáticos de Língua Portuguesa da coleção *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*, destinados ao ensino fundamental II. E como objetivos específicos: 1) identificar os tipos de variação linguística abordados nos referidos livros didáticos; 2) examinar o tratamento dado às atividades sobre variação linguística propostas nos referidos livros didáticos; 3) refletir sobre a abordagem do preconceito linguístico dada pelos referidos livros didáticos. Para isso, fundamenta-se especialmente em estudos de autores como: Alckmin (2001), Antunes (2003), Bagno (2007, 2015), Bezerra (2020), Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Fiorin (2013), Geraldi (2010), Marcuschi (2020), Oliveira (2012), Rangel (2020), dentre outros. A partir da questão e dos objetivos anunciados, realizou-se a investigação no âmbito da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 1996; RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011), com mobilização de aspectos teóricos da Sociolinguística. Metodologicamente, adotou-se, com base nos objetivos, a pesquisa descritiva (GIL, 2002) e, com base nos procedimentos técnicos, a pesquisa documental (CELLARD, 2012), com uma abordagem qualitativa (OLIVEIRA, 2007). Além disso, adotou-se a análise de conteúdo (MORAES, 1999) para a mensuração das categorias de análise. Diante dos resultados da análise da coleção de livros didáticos, é possível reconhecer uma constante presença da abordagem da variação linguística, com indicação de uma diversidade de atividades, evidenciando os diferentes tipos de variedades linguísticas. Além disso, em relação à abordagem do preconceito linguístico, verifica-se um trabalho realizado de maneira precária, pois a coleção apresenta seções intituladas como preconceito linguístico, mas o que realmente se trata durante as seções são compreensões equivocadas sobre o aspecto destacado. Portanto, a presente pesquisa pode contribuir para uma compreensão sobre como é tratada a variação linguística nos livros didáticos, pois além de se tornar uma fonte de estudos, possibilita muitas indagações a serem feitas futuramente.

Palavras-chave: variação linguística; preconceito linguístico; livros didáticos; Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This research presents an analysis carried out in Portuguese language textbooks, approved by the PNLD, 1st edition, year 2018. In view of this context, in this investigation, the following research question was defined: how is linguistic variation approached in textbooks of Portuguese language from the collection *Is it linked to the language: reading, text production and language*, intended for elementary school II? The general objective of this research is to analyze the approach given to linguistic variation in Portuguese language textbooks from the *Se liga na língua: reading, text production and language* collection, intended for elementary school II. And as specific objectives: 1) identify the types of linguistic variation addressed in the referred textbooks; 2) examine the activities on linguistic variation proposed in the referred textbooks; 3) reflect on the approach to linguistic prejudice given by the aforementioned textbooks. For this, it is based especially on studies by authors such as: Alckmin (2001), Antunes (2003), Bagno (2007, 2015), Bezerra (2020), Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Fiorin (2013), Geraldi (2010), Marcuschi (2020), Oliveira (2012), Rangel (2020), among others. From the question and the announced objectives, an investigation was carried out in the scope of Applied Linguistics (MOITA LOPES, 1996; RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011), with mobilization of theoretical aspects of Sociolinguistics. Methodologically, based on the objectives, descriptive research (GIL, 2002) was adopted and, based on technical procedures, documentary research (CELLARD, 2012), with a qualitative approach (OLIVEIRA, 2007). In addition, content analysis was adopted (MORAES, 1999) to measure the categories of analysis. In view of the results of the analysis of the textbook collection, it is possible to recognize a constant presence of the linguistic variation approach, indicating a diversity of activities, highlighting the different types of linguistic varieties. In addition, in relation to the approach to linguistic prejudice, there is a work carried out in a precarious way, since the collection presents sections entitled as linguistic prejudice, but what is really addressed during the sections are misunderstandings about the highlighted aspect. Therefore, this research can contribute to an understanding of how linguistic variation is treated in textbooks, in addition to becoming a source of studies, it allows many questions to be asked in the future.

Keywords: linguistic variation; linguistic prejudice; didactic books; Portuguese language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Anúncio publicitário.....	42
Figura 2 –	Atividade sobre o anúncio publicitário	43
Figura 3 –	Explicações que vêm após a atividade sobre o uso do pronome “tu”	44
Figura 4 –	Cartum produzido pelo ilustrador gaúcho Gilmar Luiz Tatsch, conhecido como Tacho.....	45
Figura 5 –	Tirinha e proposta de atividade, do Urbanoide- Diogo Salles.....	46
Figura 6 –	Tirinha Calvin, de Bill Watterson.....	47
Figura 7 –	Atividade proposta sobre a tirinha Calvin, de Bill Watterson.....	47
Figura 8 –	Charge de Jarbas Soares.....	48
Figura 9 –	Imagem do Gênero textual receita culinária e proposta de atividade.....	49
Figura 10 –	Fragmento de um romance do escritor angolano Ondjaki e proposta de atividade.....	50
Figura 11 –	Transcrição de um trecho da animação Tá dando onda e proposta de atividade.....	51
Figura 12 –	Letra de canção escrita na década de 1960.....	52
Figura 13 –	Atividade sobre a letra de canção escrita na década de 1960.....	53
Figura 14 –	Atividade reflexiva sobre o funcionamento do rap.....	54
Figura 15 –	Meme criado pelos autores do volume didático 9.....	55
Figura 16 –	Tirinha do Urbanoide, criado pelo quadrinista paulista Diogo Salles.....	55
Figura 17 –	Tira produzida pelo cartunista paraibano Paulo Moreira.....	56
Figura 18 –	Tirinha Calvin- Bill Watterson.....	58

Figura 19 – Texto de apoio - Conceito sobre a escrita e a fala.....	59
Figura 20 – Transcrição de parte de uma entrevista concedida pelo animador brasileiro Leo Santos, da Disney/Pixar, ao jornalista Paulo Gustavo Pereira, editor-chefe da BESTV.....	59
Figura 21 – Cena da animação Divertida Mente e proposta de atividade.....	60
Figura 22 – Texto de apoio sobre as particularidades que diferenciam a língua escrita da língua falada.....	61
Figura 23 – Texto de apoio sobre o uso da língua falada e da língua escrita.....	62
Figura 24 – Transcrição de um trecho de reportagem da TV Cultura do Pará.....	63
Figura 25 – Proposta de atividade.....	64
Figura 26 – Ilustrações sobre as possíveis particularidades da linguagem nas várias situações de comunicação.....	66
Figura 27 – Cartum do ilustrador paulista Roberto Kroll.....	67
Figura 28 – Trecho de Notícia produzida ao vivo.....	68
Figura 29 – Atividade sobre a notícia.....	69
Figura 30 – Ilustração produzida pela desenhista cearense Natália Matos.....	70
Figura 31 – Anúncio de creme dental divulgado nos anos 1940.....	71
Figura 32 – Trecho da carta de Pero Vaz de Caminha.....	72
Figura 33 – Anúncio de 1918.....	73
Figura 34 – Informações sobre variedades urbanas de prestígio.....	74
Figura 35 – Informações sobre noções de certo e errado.....	75
Figura 36 – Notas de apoio direcionada ao professor-volume 6 e 9.....	76
Figura 37 – Tópico Preconceito linguístico.....	78

Figura 38 – Nota de apoio.....	79
Figura 39 – Texto de apoio.....	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Capas dos livros didáticos analisados.....	36
Quadro 2 – Partes dos livros didáticos selecionadas para análise.....	37
Quadro 3 – Categorias analisadas.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC Base Nacional Comum Curricular

LA Linguística Aplicada

LDP Livro Didático de Português

LP Língua Portuguesa

PCN Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD Plano Nacional do Livro Didático

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E SOCIOLINGUÍSTICA: OBJETOS, MATERIAIS DIDÁTICOS E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM FOCO.....	19
2.1	Objetos de ensino da Língua Portuguesa	19
2.2	Trabalho docente e uso de materiais didáticos no ensino de Língua Portuguesa.....	21
2.3	Ensino de Língua Portuguesa e Sociolinguística	24
2.4	A variação linguística no contexto escolar	26
2.5	O preconceito linguístico	29
3	METODOLOGIA DA PESQUISA: CATEGORIZAÇÃO, <i>CORPORA</i> E PROCEDIMENTOS.....	32
3.1	Categorização da investigação: área e tipos de pesquisa	32
3.2	<i>Corpora</i> da investigação: os livros didáticos da coleção Se Liga na Língua....	35
3.3	Procedimentos analíticos: as categorias de análise	37
4	ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS DADOS: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO <i>SE LIGA NA LÍNGUA</i>	41
4.1	Abordagem da variação linguística.....	41
4.1.1	Variação geográfica ou diatópica.....	42
4.1.2	Variação social ou diastrática.....	51
4.1.3	Variação diamésica.....	57
4.1.4	Variação estilística ou diafásica.....	65
4.1.5	Variação diacrônica ou histórica.....	70
4.2	Abordagem do preconceito linguístico.....	73
4.2.1	Noções de “certo” e “errado”	74
4.2.2	Conceito de preconceito linguístico.....	77
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
	REFERÊNCIAS.....	85

1 INTRODUÇÃO

Segundo Alkmim (2001, p. 21), “Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano”. Nesse sentido, compreendemos que a língua, na condição de unidade linguística que permite a interação social por meio da atividade discursiva e cognitiva, contribui para a construção do conhecimento, para o entendimento das inúmeras diversidades sociais, culturais e, principalmente, linguísticas, bem como para a formação crítica e reflexiva dos indivíduos.

Essa percepção se confirma também a partir do que afirma Bortoni-Ricardo (2005):

A língua é, por excelência, uma instituição social e, portanto, ao se proceder a seu estudo, é indispensável que se levem em conta variáveis extralinguísticas - socioeconômicas e históricas - que lhe condicionam a evolução e explicam, em parte, sua dialeção regional (horizontal) e social (vertical) (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 31).

Sendo assim, especialmente em relação à língua falada, temos um meio linguístico de comunicação que é utilizado para a interação social, empregado nos diferentes contextos sociais (TARALLO, 2007). O processo de enunciação dessa modalidade, conforme previsto pelos estudos da Sociolinguística, vai depender do contexto, pois, se estivermos em uma situação de formalidade, certamente empregaremos um maior monitoramento da produção oral. Dessa maneira, percebe-se a importância da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que a partir do estudo dos fenômenos linguísticos o aluno será capaz de distinguir as diferentes variedades linguísticas existentes.

Diante do contexto de escolarização, o livro didático é um instrumento de fundamental importância para o trabalho docente e para o desenvolvimento da aprendizagem do alunado. Por ser assim, é importante que investigações tratem sobre a abordagem apresentada por livros didáticos de Língua Portuguesa para diferentes aspectos da língua/linguagem, dentre os quais destacamos a variação linguística, uma vez que esses materiais, na escola, podem contribuir para a formação crítica e reflexiva dos alunos. Nessa perspectiva, compreende-se que o livro didático é um recurso composto por informações pedagógicas e que tem um papel fundamental na prática docente, visto que serve de suporte para o desenvolvimento das aulas, muitas vezes sendo o recurso central para o ensino básico.

Na contemporaneidade, já é possível encontrar a variação linguística inserida no contexto escolar. Entretanto, esse assunto, às vezes, ainda é apresentado sem haver um

aprofundamento necessário, no qual o ensino da variação linguística é abordado de forma aparentemente superficial. A incorporação do ensino da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa, provavelmente, permite que os alunos percebam as diversidades linguísticas existentes no falar brasileiro. Nesse viés, é possível também que os alunos tomem consciência sobre aspectos de língua/linguagem, compreendendo o fato de não podermos ridicularizar as variedades linguísticas empregadas pelas pessoas, o que pode colaborar para a diminuição de atitudes que remetam a preconceitos linguísticos.

É importante destacar ainda a seguinte percepção de Fiorin (2013):

O uso de uma determinada variedade linguística marca a inclusão num dado grupo social e dá uma identidade a seus membros. Aprendemos a distinguir as diversas variedades [...]. As variantes linguísticas conferem uma identidade às pessoas [...]. Ridicularizar a variante usada por alguém é uma atitude muito agressiva, pois estamos zombando do próprio ser das pessoas. Existe um julgamento social sobre as variantes: algumas são consideradas elegantes e outras, feias (FIORIN, 2013, p. 27).

Ao considerar a colocação de Fiorin (2013), é possível destacar a necessidade de a escola empreender com o entendimento de que a língua é heterogênea e mutável, e que a adoção de determinadas variedades é também aspecto inerente à identidade do falante. Diante disso, os alunos, certamente, terão oportunidades de compreender que a norma padrão é apenas uma das formas da língua estipulada pela gramática normativa. Além disso, eles poderão perceber que, nos contextos de fala, muitas variedades linguísticas são adotadas de forma natural e por diferentes razões.

Nessa direção, o nosso interesse pelo tema do estudo surgiu a partir da percepção da necessidade de investigar o modo como a variação linguística é abordada nos livros didáticos de Língua Portuguesa, de modo a tentar contemplar os aspectos que são (ou não) destacados por esses manuais. Esse interesse cresceu com o estudo de pesquisadores da área da Sociolinguística, especialmente a partir de leituras feitas durante a graduação.

Vale indicar que a relevância da pesquisa reside no fato de ela possibilitar a identificação da abordagem da variação linguística em livros didáticos, considerando a importância desses instrumentos para o contexto de sala de aula. Isso pode contribuir para uma reflexão com relação a materiais didáticos presentes na escola e a forma como essa temática pode vir a ser trabalhada dentro da sala de aula.

Dentre os diferentes livros didáticos em utilização pelas diversas escolas públicas brasileiras, estão os pertencentes à coleção *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*. A referida coleção foi publicada pela Editora Moderna e é de autoria dos professores Wilton de Ormundo e Cristiane Siniscalchi. Os materiais analisados são volumes

que passaram por avaliações das instâncias superiores até chegar à seleção do professor. Desse modo, são aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), por atenderem a requisitos exigidos. Os materiais são desenvolvidos para os Anos Finais do Ensino Fundamental que contemplam 6º, 7º, 8º e 9º anos, 1ª edição, ano 2018.

Diante de tal contexto, nesta investigação, estabelecemos como questão de pesquisa:

- Como é abordada a variação linguística nos livros didáticos de Língua Portuguesa da coleção *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*, destinados ao ensino fundamental II?

Para que seja possível chegarmos a respostas para tal questão, definimos o seguinte objetivo geral:

- Analisar a abordagem dada à variação linguística nos livros didáticos de Língua Portuguesa da coleção *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*, destinados ao ensino fundamental II.

De modo a tornar mais explícitos os nossos interesses investigativos, delineamos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar os tipos de variação linguística abordados nos referidos livros didáticos;
- Examinar o tratamento dado às atividades sobre variação linguística propostas nos referidos livros didáticos;
- Refletir sobre a abordagem do preconceito linguístico dada pelos referidos livros didáticos;

A partir da questão e dos objetivos anunciados, realizamos a investigação no âmbito da Linguística Aplicada, com mobilização de aspectos teóricos da Sociolinguística. Assim, classificamos a pesquisa como descritiva, do ponto de vista de seus objetivos, e documental, de acordo com seus procedimentos técnicos, com abordagem qualitativa. Além disso, adotamos a análise de conteúdo para a mensuração das categorias de análise. Para organização desta monografia, apresentamos a seguinte estrutura textual: está organizada em três (03) capítulos, além desta Introdução e das Considerações Finais.

No Capítulo I, intitulado *Ensino de Língua Portuguesa e Sociolinguística: objetos, materiais didáticos e variação linguística em foco*, apresentamos a discussão teórica necessária à compreensão do que ora investigamos. Nesse sentido, organizamos o capítulo em cinco (05) seções: na primeira seção, discutimos sobre os objetos de ensino da Língua Portuguesa. Na segunda seção, abordamos sobre o trabalho docente e uso de materiais didáticos no ensino de Língua Portuguesa. Na terceira seção, tratamos sobre o ensino de Língua Portuguesa e a Sociolinguística. Na quarta seção, discutimos sobre a variação linguística no contexto escolar. Por fim, na quinta seção discorremos sobre o preconceito linguístico. Para isso, tomamos como base pressupostos teóricos de autores pertencentes à área da Sociolinguística e da Linguística Aplicada.

No Capítulo II, intitulado *Metodologia da pesquisa: categorização, corpus e procedimentos*, expomos os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa. Para tanto, apresentamos três (03) seções: na primeira, categorizamos a pesquisa quanto à área e aos tipos de pesquisa. Na segunda seção, tratamos do contexto da pesquisa, apresentando o *corpus* da investigação: os livros didáticos da coleção *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*, assim como os procedimentos de geração de dados. Na terceira seção, discutimos sobre os procedimentos analíticos e as categorias de análise.

No Capítulo III, intitulado *Análise e discussão dos dados: a variação linguística em livros didáticos*, dedicamos à análise dos livros didáticos da coleção investigada, organizando-o em duas (02) seções, que refletem nossas categorias analíticas: na primeira seção, voltamo-nos a explorar a abordagem da variação linguística, na qual apresentamos cinco (05) subseções de acordo com as diferentes variedades reconhecidas nos estudos sociolinguísticos: variação geográfica ou diatópica, variação social ou diastrática, variação diamésica, variação estilística ou diafásica e variação histórica ou diacrônica; na segunda, destinamo-nos à reflexão sobre o trabalho quanto ao preconceito linguístico, organizada em duas (02) subseções, tendo em vista o conceito de preconceito linguístico e a noção de “certo” e “errado”, elementos fundamentais para o entendimento da “rejeição” a certas variedades linguísticas em sociedade.

2 ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E SOCIOLINGUÍSTICA: OBJETOS, MATERIAIS DIDÁTICOS E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM FOCO

Neste capítulo, empreendemos a discussão teórica necessária à compreensão do que ora investigamos. Dessa maneira, organizamos o capítulo em 5 seções: na primeira seção, discutimos sobre os objetos de ensino da Língua Portuguesa, a partir das contribuições de Antunes (2003), Oliveira (2012), dentre outros; na segunda seção, tratamos sobre trabalho docente e uso de materiais didáticos no ensino de Língua Portuguesa, considerando colocações de Bagno (2007), Bezerra (2020), Bortoni-Ricardo (2005), Geraldi (2010), Marcuschi (2020), Rangel (2020); na terceira seção, apresentamos relações entre o ensino de Língua Portuguesa e a Sociolinguística, com base nas explanações de Alckmin (2001), Bagno (2015), Fiorin (2013); na quarta seção, abordamos sobre a variação linguística no contexto escolar, a partir das contribuições de Alckmin (2001), Bagno (2007, 2015), Bortoni-Ricardo (2004, 2005); na quinta e última seção, expomos considerações sobre o preconceito linguístico, apoiados nas colocações de Antunes (2003), Bagno (2007, 2015), Bortoni-Ricardo (2004).

2.1 Os objetos de ensino da Língua Portuguesa

No contexto escolar, o ensino de Língua Portuguesa deve abarcar o trabalho de diferentes usos da linguagem, em prol do estudo da gramática, leitura/escuta e produção de textos escritos, orais e multissemióticos. Nessa perspectiva, pode envolver a compreensão, para o alunado, de que existem linguagens diversificadas e que cada uma tem a sua coerência quando empregada no contexto adequado. Dessa forma, conforme defendido por Oliveira (2012), é fundamental uma política que oriente o ensino de língua, na qual considere todas as exigências advindas da sociedade contemporânea. Diante disso, o objetivo deve ser que o ensino de linguagem seja visto e ensinado por meio de uma concepção que vá além da estrutura da gramática normativa, ou seja, um ensino que leve em consideração as variantes linguísticas, bem como o contexto de produção do discurso.

Como propõe Antunes (2003), há vários caminhos que o professor pode seguir para se trabalhar a língua em sala de aula com eficiência, indo em contraposição a seu estudo descontextualizado, que era bastante empreendido no passado e que, infelizmente, ainda é utilizado em diversas escolas. Conforme a autora, a gramática, por exemplo, deveria ser trabalhada com textos, pois os alunos teriam um entendimento mais abrangente da linguagem.

Desse modo, o aluno seria levado a entender a função dos elementos linguísticos, o que é tão importante quanto as suas classificações. Quanto à oralidade, o seu estudo é pouco explorado na escola pelo fato de a fala ser considerada uma forma de desvio das normas gramaticais. Porém, para a autora, deve-se ter foco no ensino de oralidade, pois a partir disso o aluno irá saber agir, se posicionar de acordo com o contexto, uma vez que a língua é um sistema à disposição do usuário em suas situações comunicativas, podendo ser usada de maneira formal ou informal. No que tange à leitura, a autora ressalta que tem pouco espaço nas aulas de LP, entretanto, é importante praticá-la em sala, visto que a leitura precisa ser estimulada e incentivada. Por fim, no que tange à escrita, às vezes, sua prática em contexto escolar é de forma improvisada, sem planejamento, sem revisão, logo, a escrita só faz sentido se for pensada de forma ampla e tiver funcionalidade. Nessa perspectiva, o ensino de português precisa ser significativo para o aluno.

Esse ensino também precisa acompanhar as orientações curriculares, tais como dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), BRASIL (1998) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), BRASIL (2018), para orientar o trabalho realizado em sala de aula. Na década de 1990, os PCN surgem para trazer avanços à compreensão do ensino de LP, com o objetivo de garantir o domínio da língua/linguagem por parte dos alunos para o exercício da cidadania. Anos depois, em 2018, a BNCC é homologada para se tornar esse documento unificado e regulador.

Nessa direção, os PCN já focalizavam para a área de Língua Portuguesa a necessidade de:

[...] dar ao aluno condições de ampliar o domínio da língua e da linguagem, aprendizagem fundamental para o exercício da cidadania. Em outras palavras, propõem que a escola organize o ensino de modo que o aluno possa desenvolver seus conhecimentos discursivos e linguísticos, sabendo: ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais; expressar-se apropriadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo imediato; refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua (BRASIL, 1998, p. 58-59).

Quanto aos conteúdos de Língua Portuguesa, os PCN indicam a necessidade de nos atentarmos para o fato de a finalidade do ensino de língua ser a expansão das possibilidades do uso da linguagem. Assim, infere-se que as capacidades de linguagem a serem desenvolvidas estão relacionadas às quatro habilidades linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever. Os conteúdos selecionados nesta disciplina, para os diversos níveis escolares,

contemplam o desenvolvimento dessas habilidades. Portanto, a gramática, a produção textual, a leitura e a literatura possuem a finalidade de desenvolver no aluno sua capacidade de comunicação adequada para fazer com que ele se torne ativo nas diversas práticas sociais.

Na BNCC, Língua Portuguesa é um dos componentes curriculares constitutivos da área de linguagens. A BNCC é um documento norteador que serve de referência à construção de currículos, a fim de democratizar o ensino, pois é a partir dela que as escolas formulam os seus currículos para a prática pedagógica. Portanto, todos os conteúdos, competências e habilidades indicados neste documento buscam levar o aluno a lidar com o mundo, ou seja, visa a vincular o ensino à realidade do estudante, fortalecendo sua autonomia e criticidade.

Diante disso, a BNCC oferece orientações curriculares, mas cada estado e cada escola possuem seus currículos próprios, que determinam os conteúdos, objetivos, competências que serão trabalhados na área de Língua Portuguesa, destacando a importância de enxergá-la como um processo interacional, isto é, trabalhar a língua na perspectiva de interação social, considerando os seus usos, suas funções, bem como as variedades linguísticas. Esse ensino, conforme o documento, deve ser centrado sempre no texto. Diante disso, o ensino é relacionado às práticas de linguagem situadas, abrangendo os quatro eixos de integração, a saber: o eixo de leitura, o eixo da produção de textos, o eixo da oralidade, o eixo da análise linguística/semiótica, nos diferentes campos de atuação previstos.

A organização dessas práticas, nos anos finais do Ensino Fundamental, é feita a partir dos seguintes campos de atuação: campo jornalístico-midiático, campo de atuação na vida pública, campo das práticas de estudo e pesquisa, campo artístico-literário. Desse modo, os campos vão nortear o ensino da língua portuguesa em todos os anos, ou seja, todas as práticas de linguagens, como o desenvolvimento da oralidade, da leitura/escuta, da produção textual, da análise linguística/semiótica. Mediante a importância que os documentos parametrizadores da Educação Básica concedem para o ensino de Língua Portuguesa, evidenciam as práticas pedagógicas pautadas nas discussões e análises linguísticas, objetivando o desenvolvimento das competências críticas e reflexivas dos alunos.

2.2 Trabalho docente e uso de materiais didáticos no ensino de Língua Portuguesa

Sabemos que o ambiente escolar é o lugar onde o aluno desenvolve suas capacidades individuais e coletivas, em que se constrói saberes. Diante desse contexto, o professor de Língua Portuguesa tem um papel fundamental, que é mediar o conhecimento, com o propósito de tornar o discente um sujeito emancipado, crítico e reflexivo. Sendo assim, é necessário que

o professor permita que o aluno reflita sobre a variação linguística, mostrando que a língua é variável de acordo com o uso e os vários contextos, bem como compreender que ela se adequa às diversas situações comunicativas, conforme afirma Bortoni-Ricardo (2005):

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Nessa perspectiva, no que diz respeito à relação do professor e aluno em sala de aula, faz-se relevante que a atuação docente não se realize de maneira conservadora, na qual o professor é o detentor absoluto do conhecimento e o aluno, receptor. No contexto de sala de aula, é interessante que essa relação seja concretizada pela equidade entre esses sujeitos. Isso, certamente, acarretará um trabalho mais contextualizado e instigador para as aulas de Língua Portuguesa, uma vez que pode atrair a coparticipação dos alunos e levar em consideração o contexto em que estão inseridos, bem como as suas percepções, o que pode possibilitar o trabalho com as diferentes variedades da língua.

Por isso, é necessário que exista um projeto pedagógico funcional centrado no aluno e adaptado às novas necessidades globais a partir de uma concepção de linguagem como interação social, visto que o ensino precisa ser criativo e significativo, que venha contribuir para a construção do conhecimento linguístico. Então, é pertinente que o professor instigue o aluno para que ele seja um ser pensante, crítico e autônomo, capaz de interferir na sociedade na qual ele está inserido. Nesse sentido, os PCN afirmam que:

A postura de acolhimento envolve tanto a valorização dos conhecimentos e da forma de expressão de cada aluno como o processo de socialização. Valorizar o conhecimento do aluno, considerando suas dúvidas e inquietações, implica promover situações de aprendizagem que façam sentido para ele. Exercer o convívio social no âmbito escolar favorece a construção de uma identidade pessoal, pois a socialização se caracteriza por um lado pela diferenciação individual e por outro pela construção de padrões de identidade coletiva (BRASIL, 1998, p. 43).

Nesse contexto, conforme também enfatiza Geraldi (2010), o professor não pode assumir uma postura controladora no processo de aprendizagem. Ao contrário, de acordo com os postulados do autor, é necessário que o professor assuma o papel de mediador, de modo a proporcionar maior envolvimento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, realçando a interação em sala de aula.

Diante do processo de preparação didática, o professor recorre a vários suportes que auxiliam no desenvolvimento das aulas a serem ministradas. Em relação aos materiais didáticos, frequentemente, os recursos mais utilizados pelos docentes são os livros didáticos, um dos mais importantes meios para a educação básica. Nessa perspectiva,

O Livro Didático de Português, entendido como um livro composto por unidades (lições ou módulos) com conteúdos e atividades preparados a serem seguidos por professores e alunos, principalmente na sala de aula, constitui-se, se não o único material de ensino-aprendizagem, o mais importante, em grande parte das escolas brasileiras (BEZERRA, 2020, p. 47).

Sendo assim, sabe-se que o livro didático é um objeto composto por informações pedagógicas e que tem um papel fundamental na prática docente, muitas vezes sendo o recurso central, como enfatizado por Bezerra (2020). O livro didático apresenta ao professor um projeto pronto para a prática de ensino, o que tende a auxiliar na condução das aulas. Vale ressaltar a importância da aquisição e da valorização desse instrumento pedagógico para o ensino e para a aprendizagem, em virtude de que, às vezes, esse é o único material que o aluno tem acesso, sendo o meio pelo qual os alunos têm contato para efetuar leituras e acessar informações.

Antes de ser adquirido e chegar à sala de aula, o livro didático passa por um processo de avaliação, como destaca Rangel (2020):

[...] a Avaliação do LDP é um processo em andamento, de que participam não só a comissão oficial do MEC, na execução de um determinado PNLD, mas também os educadores diretamente envolvidos com a questão, e até mesmo outras instâncias e agentes de letramento. (RANGEL, 2020, p. 24).

Mostra-se evidente, portanto, que a escolha dos livros didáticos passa por diversas avaliações, realizadas, inicialmente, pelas instâncias superiores responsáveis pelo setor da educação, relacionadas ao Ministério da Educação (MEC). Essas instâncias fazem um processo de pré-seleção dos livros didáticos, a partir de uma avaliação pedagógica feita por especialistas de cada área do conhecimento. Vale ressaltar que, de acordo com o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), o livro didático deve ser utilizado durante o período de quatro anos.

Após as avaliações das instâncias superiores, chega-se à seleção do professor. Os professores escolhem qual tipo de coleção será usada durante os anos letivos nas aulas de Língua Portuguesa. Com o passar do tempo, esse processo avaliativo passou por diferentes

mudanças, especialmente com relação aos critérios de avaliação, o que trouxe melhorias na qualidade dos livros didáticos adquiridos.

Apesar dessas melhorias, de acordo com o exposto por Bagno (2007), os livros didáticos tendem a não apresentar uma abordagem satisfatória para aspectos relacionados aos objetos da Sociolinguística:

Os livros didáticos de língua portuguesa têm avançado muito na incorporação dos novos conceitos de educação linguística propostos nos últimos 20 anos ou mais. No entanto, as abordagens que eles oferecem das questões de variação e mudança linguística ainda são falhas e distorcidas (BAGNO, 2007, p. 140).

Além disso, de acordo com Marcuschi (2020, p. 26), é “comum ver-se nos LDP dedicação tão intensa aos exercícios gramaticais, à reprodução de informações e à preocupação excessiva com estereótipos textuais”. Assim, percebemos que, mesmo com os avanços, os livros didáticos, às vezes, não tratam dos fenômenos linguísticos de maneira tão pertinente. Por sua preponderância no ensino da gramática, focando na estrutura da língua, os livros didáticos apresentam ainda de maneira insatisfatória aspectos da língua em contexto de uso e “evitam questões interessantes, tais como as que se referem à variação e à oralidade” (MARCUSCHI, 2020, p. 74).

A esse respeito, Bagno (2007, p. 18) defende que “[...] quando o assunto é variação linguística, o tratamento oferecido pela maioria dos livros didáticos ainda deixa muito a desejar”. Consequentemente, considerando que o livro didático é um suporte de fundamental importância no contexto de sala de aula, é interessante que ele traga abordagens significativas, fazendo uma integração, ou seja, oferecendo ao aluno contribuições para a aquisição de conhecimentos, no qual o aluno seja capaz de relacionar a linguagem por meio das condições de uso e do sentido, isso através dos elementos linguísticos.

2.3 Ensino de Língua Portuguesa e Sociolinguística

A Sociolinguística é uma subárea da Linguística que estuda a língua em seu contexto de uso. Aprimorando esse ponto de vista, de acordo com Alckmin (2001), a Sociolinguística preocupa-se em descrever as inúmeras variedades linguísticas coexistentes dentro de uma comunidade de fala. Nessa perspectiva, a Sociolinguística procura estudar a língua por meio dos contextos sociais de uso. Vale salientar que, com o decorrer dos anos, muitas das pesquisas vinculadas à Sociolinguística relacionaram-se ao ensino de língua. Diante disso,

começaram a ser apresentadas algumas reflexões quanto à necessidade de se considerar, no trabalho escolar com a Língua Portuguesa, outras variedades para além da norma padrão. Dessa maneira, a Sociolinguística contribui significativamente para a construção do conhecimento, uma vez que a partir dela é possível ampliar horizontes acerca das variações linguísticas, além de adquirir os meios necessários ao combate ao preconceito e ao conservadorismo linguístico e à exclusão social decorrente deles.

Nessa perspectiva, compreende-se a importância da Sociolinguística na sala de aula, pois ela amplia os conhecimentos que se tem sobre os fenômenos linguísticos, sobretudo no sentido de levar a compreensão de que a língua, tal qual a sociedade, é heterogênea. Outra contribuição advinda desses estudos é que, uma vez atentos às variações linguísticas naturais da língua falada, os profissionais poderão combater possíveis preconceitos linguísticos em sala de aula.

Há uma concepção ainda bastante forte na escola: o seguimento à risca da gramática normativa ou tradicional, que não admite nenhuma forma de contestação e que adota o mito da homogeneidade linguística. Em sala de aula, o professor de Língua Portuguesa se depara com alunos que falam e escrevem de formas diferentes. Vale aqui ressaltar que se trata de diferenças, e não de “erros”. Sendo assim, ao aprofundar-se nos estudos sociolinguísticos, o professor constata que não existem “erros”, mas, sim, diferentes variantes, ou seja, formas diferentes de se fazer uso dos recursos disponíveis na língua.

Conforme Fiorin (2013):

No trato com as variantes, devemos substituir o par certo/errado pela dicotomia adequado/inadequado. Com efeito, cada variante é mais adequada para uma determinada situação de interlocução e, portanto, a um dado gênero do discurso. [...] Um bom falante da língua é o que sabe usar a variedade adequada à situação de comunicação (FIORIN, 2013, p. 40).

Por outro lado, se o professor seguir criteriosamente a concepção tradicional, poderá contribuir para o preconceito linguístico e para o não reconhecimento das variantes linguísticas. Diante dessa situação, o professor precisa livrar-se dos mitos e crenças insustentáveis que geram práticas preconceituosas e de exclusão, como o mito de que a Língua Portuguesa é “difícil” ou inacessível, que reforça a ideia de que somente as classes privilegiadas podem aprender e fazer uso da língua de modo efetivo, e o mito de que existe no Brasil uma homogeneidade linguística, isto é, de que todo o país faz uso da Língua Portuguesa da mesma maneira, sem distinções.

Conforme Bagno (2015), é importante considerar que a escola deve abandonar todos os mitos existentes sobre a língua. Para o autor,

[...] em toda comunidade linguística do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico o tempo todo. Infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se essa fosse a única maneira “certa” de falar português. (BAGNO, 2015, p. 79).

Nesse sentido, o papel da escola é o de não só levar os alunos a se apoderarem da norma padrão da língua, mas também enriquecerem o seu repertório linguístico, permitindo o acesso a uma maior gama possível de recursos para que atinjam uma competência comunicativa ampla e diversificada, sem desvalorizar suas variantes linguísticas de origem, adquiridas nas relações sociais dentro de seu grupo ou comunidade.

É fundamental que o professor se mantenha atento aos fenômenos linguísticos que ocorrem em sala de aula, pois dessa maneira será capaz de reconhecer o perfil sociolinguístico de seus alunos, e juntos empreenderem uma educação que leve em consideração o grande saber linguístico prévio dos estudantes. Dessa maneira, o docente pode, assim, através da Sociolinguística, trabalhar a variação apontando-a não como uma pobreza linguística, mas como os vários modos de se fazer uso da língua. Em suma, a Sociolinguística no meio educacional contribui significativamente, pois diz respeito à reflexão da língua, amplia o conhecimento sobre o uso da língua e o fenômeno linguístico.

2.4 A Variação linguística no contexto escolar

A variação linguística é um fenômeno social muito importante, constitutivo das línguas humanas, ou seja, as línguas são constituídas de inúmeras variedades, as quais estão carregadas de significados e valores sociais particulares. Bortoni-Ricardo (2004) nos diz que:

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua. [...] O que estamos querendo dizer é que, em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas. [...] O grau dessa variação será maior em alguns domínios do que em outros. [...] a variação é inerente à própria comunidade linguística (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 25).

Nessa perspectiva, compreende-se que toda e qualquer língua muda, acompanhando o processo histórico, como também atendendo às necessidades sociais. Desse modo, as línguas

se transformam e adquirem novos valores para adequar-se às comunidades. Ou seja, toda língua é variável, bem como é heterogênea. Assim, nos afirma Alkmim (2001):

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades. Concretamente: o que chamamos de “língua portuguesa”; engloba os diferentes modos de falar utilizado pelo conjunto de seus falantes do Brasil, em Portugal, em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor etc. (ALKMIM, 2001, p. 33).

O ensino da variação linguística em sala de aula exige muitas reflexões, pois mesmo com os vários estudos desenvolvidos referentes aos aspectos linguísticos, principalmente acerca do ensino de Língua Portuguesa, ainda há uma carência na forma de abordagem sobre a variação linguística. Isso ocorre, geralmente, porque não é dada a atenção necessária às variedades linguísticas existentes. Bagno (2007, p. 29) afirma que “[...] a variação linguística ou fica em segundo plano na prática docente ou é abordada de maneira insuficiente, superficial, quando não distorcida”.

É válido ressaltar que as discussões sobre a Sociolinguística vêm ganhando cada dia mais força e já se fazem presentes em muitos contextos, visto que há muitos professores que já trabalham com variação linguística no interior de suas aulas. A abordagem da variação linguística é importante para o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que contribui para o entendimento das diversas variedades linguísticas, e faz com que o aluno compreenda a existência da norma padrão e da variedade linguística e seus contextos adequados de uso.

Neste sentido, conforme observa Bagno (2015):

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares [...] também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se também não houvesse variação (e mudança) linguística entre os falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados (BAGNO, 2015, p. 17-18).

É indispensável que a escola ensine ao aluno não só dominar e entender a língua padrão, mas também permitir que ele reconheça a existência das diversas variedades linguísticas, mostrando que cada uma será empregada de acordo com as situações de uso. À

vista disso, a escola deve possibilitar que o aluno compreenda a estrutura da língua e o seu funcionamento a partir do contexto social no qual o indivíduo está inserido.

Conforme Bortoni-Ricardo (2005), geralmente, os professores não sabem muito bem como agir diante do uso das variedades linguísticas. Às vezes, os professores ficam em dúvida se é necessário corrigir os alunos e acabam prescrevendo o uso da norma padrão, o que pode levá-los a assumir atitudes preconceituosas, utilizando-se da expressão “erros” de português. Nessa perspectiva, é da competência do professor evitar humilhar o aluno, buscar meios para mostrar aos alunos de forma consciente as diferenças entre a língua utilizada no contexto escolar e a do ambiente social em que o aluno convive, portanto, é fundamental considerar o contexto social do aluno.

Diante do exposto, vale salientar os tipos de variação linguística, destacando as diferenças entre os termos variantes e variedades. Conforme Bagno (2007), a variante é quando temos formas diferentes de dizer a mesma coisa e a variedade é o modo particular de falar a língua, ou seja, é o conjunto de formas de uso da língua que caracteriza um determinado grupo social. Diante disso, são relacionados a um grupo de fatores sociais. Pode-se dizer que é o modo particular de falar a língua de uma determinada região, classe social, grupo profissional, faixa etária, grau de escolaridade, entre outros, com modos próprios de falar e características específicas.

São esses fatores sociais e extralinguísticos que contribuem para o fenômeno da variação linguística, como pode-se verificar no exemplo a seguir:

[...] a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais [...] e em todos os seus níveis de uso social, variação regional, social, etária, estilística, etc. (BAGNO, 2015, p. 27).

Desse modo, faz-se necessário compreender a existência das diversas variedades linguísticas, o que marca a heterogeneidade das línguas. Dentro desta abordagem, é importante observar que esses fatores contribuem para os diferentes tipos de variação sociolinguística, as quais são classificadas, de acordo com Bagno (2007) e Alkmim (2001), como: variação geográfica ou diatópica, variação social ou diastrática, variação diamésica, variação estilística ou diafásica, variação histórica ou diacrônica.

Conforme discutido por esses autores, a variação geográfica ou diatópica é referente às diferenças linguísticas verificadas na comparação dos modos de falar de lugares/regiões

diferentes; a variação social ou diastrática destaca-se através de diversos fatores, principalmente por meio da comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais, isso de acordo com os modos de atuação; a variação diamesica é reconhecida nas diferentes maneiras de utilizar a língua em suas modalidades falada e escrita; a variação diafásica é a variação estilística, que depende do contexto comunicativo no qual o indivíduo faz o uso diferenciado da língua, de acordo com o grau de monitoramento empregado; a variação diacrônica se verifica na comparação entre as diferentes épocas da história da língua, em virtude dos processos históricos. Portanto, essas variações linguísticas são nomeadas para que se tenha uma melhor identificação e compreensão do seu uso.

2.5 O Preconceito Linguístico

De acordo com Bagno (2007), para a Sociolinguística a língua é inerentemente heterogênea, variável e múltipla, está sempre em desconstrução e em reconstrução, sendo assim uma atividade social. Partindo da perspectiva de que a língua é heterogênea, é importante ter conhecimento sobre os estudos linguísticos, pois por meio deles somos capazes de compreender que a língua passa por transformações, uma vez que toda língua é viva. Com a falta de conhecimento, as pessoas tendem a discriminar as diferentes variedades linguísticas existentes e começam a considerar que só a norma padrão é correta e que tem mais prestígio, o que acarreta em preconceito linguístico.

No ambiente educacional, é importante modificar a forma como é visto o ensino de Língua Portuguesa, buscando um ensino mais inclusivo e que valorize todas as variedades linguísticas. Tratando desse assunto, Bagno (2007) afirma que:

A tarefa de reconhecer a competência linguística e comunicativa dos alunos e das alunas e, ao mesmo tempo, de ampliar e expandir essa competência é uma tarefa delicada e sofisticada, muito mais exigente do que a prática tradicional de reprimir os “erros”, de zombar dos sotaques “engraçados” e de impor a ferro e fogo uma norma-padrão fossilizada, através da decoreba infrutífera e maçante da gramática normativa e da prática da análise sintática como fim em si mesma (BAGNO, 2007, p. 85).

Portanto, cabe à instituição educacional mostrar aos alunos que todas as variedades possuem seu valor. Vale ressaltar que os indivíduos que não dominam a norma padrão – essa que segue todo um processo normativo das gramáticas tradicionais, as quais apresentam a forma como devemos falar e escrever e destaca que há um jeito “certo” e “errado” de falar a Língua Portuguesa –, frequentemente, sofrem preconceitos. Sendo assim, essa noção de erro

indicada pelas gramáticas tradicionais, na verdade, é um fenômeno linguístico de nossa língua.

Conseqüentemente, diante desses fatos elencados, as pessoas são excluídas e menosprezadas pelos grupos dominantes. Desse modo, esses indivíduos, que pertencem a uma classe social diferente da elite, acabam sofrendo um preconceito linguístico. Conforme Bagno (2007), esses indivíduos são apresentados como inferiores e como falantes que utilizam a Língua Portuguesa de maneira errada e feia:

Essa reação, esse tipo de julgamento, acontece em todos os lugares do mundo, em todas as comunidades linguísticas. Em qualquer sociedade humana, existe sempre um grupo de pessoas que acredita que seu modo de falar é mais “bonito” ou mais “certo” que o dos outros grupos que compõem aquela comunidade (BAGNO, 2007, p. 210).

É notório que há um determinado sentimento de superioridade por parte de algumas pessoas e isso acaba interferindo na forma de julgamento no modo de falar. Para Bortoni-Ricardo (2004, p. 34), “Essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais”. Portanto, o preconceito linguístico se manifesta, principalmente, no âmbito socioeconômico e regional. Assim, é comum verificar que as pessoas pertencentes a classes sociais menos privilegiadas são oprimidas pela forma da linguagem utilizada.

É fundamental que o professor de Língua Portuguesa trabalhe com os alunos um princípio de adequação linguística, no qual mostre para eles que não existe variedade linguística certa ou errada, e, sim, que existem variedades diferentes entre si, porém cada uma possui um valor para adequar-se ao contexto de uso. Nessa perspectiva, a falta de reconhecimento da diversidade do português falado causa o preconceito linguístico, pois quando não compreendemos que a língua não é uma unidade igual em todos os lugares isso irá contribuir para o não reconhecimento das variedades linguísticas. Outro fato que contribui para o preconceito linguístico é a tentativa das escolas de impor o ensino da norma padrão aos alunos, sem permitir que eles reflitam sobre o uso da língua nos diversos contextos sociais, apenas focando no ensino das regras/nomenclaturas gramaticais.

Diante disso, Antunes (2003) nos assegura que o professor de Língua Portuguesa precisa ter cuidado ao ensinar a gramática na sala de aula, atentando-se para o ensino que considere mais de uma norma, sendo assim:

[...] o professor deve apresentar uma gramática que privilegie, de fato, a aplicabilidade real de suas regras, tendo em conta, inclusive, as especificidades de tais regras, conforme esteja em causa a língua falada ou a língua escrita, o uso formal ou o uso informal da língua. [...] É de grande importância que se procure caracterizar, de forma adequada, a norma-padrão como sendo a variedade socialmente prestigiada, mas não como sendo a única norma "certa". "Certo" é aquilo que se diz na situação "certa" à pessoa "certa". [...] as normas estigmatizadas também têm seu valor, são contextualmente funcionais, não são aleatórias nem significam falta de inteligência de quem as usa (ANTUNES, 2003, p. 97-98).

Nesse quesito, é fundamental a escola levar em consideração todos os conhecimentos que o aluno já tem da Língua Portuguesa, como também mostrar as diversas variedades linguísticas, pois, diante disso, o aluno será capaz de reconhecer a situação que exigirá uma determinada forma de comunicação de uso. Conseqüentemente, compete ao docente, como o principal mediador no processo ensino-aprendizagem, também refletir sobre a utilização da língua, para que tenha conhecimentos suficientes de ver e compreender a língua como um fenômeno que passa por transformações, uma vez que ele tem a função de nortear os estudantes.

Outro ponto que contribui para o preconceito linguístico é a desigualdade social, pois nem todos têm acesso a uma escola de qualidade, não têm oportunidades iguais de ensino, como também têm condições de vida diferentes, portanto, pode-se dizer que o preconceito linguístico é uma decorrência do preconceito social. Há ainda o mito de que regiões específicas do Brasil falam melhor do que outras. A exemplo disso, em relação à região Nordeste, muitas vezes o modo de falar empregado é alvo de críticas e de deboche, ou seja, é estigmatizado. Em vista disso, devemos nos atentar às questões relacionadas aos olhares preconceituosos voltados para a variedade linguística, ou seja, há um certo preconceito linguístico em relação às diferentes formas de falar, essa atitude pode prejudicar o aprendizado do aluno, uma vez que ele precisa ter conhecimentos linguísticos diversos, os quais irá ajudar na sua construção crítica e reflexiva.

Nessa perspectiva, levando em consideração todas as orientações consideradas fundamentais para o ensino de Língua Portuguesa, bem como em relação à variação linguística, às noções de “certo” e “errado” e ao preconceito linguístico, compreende-se o quanto é importante que os materiais didáticos tratem sobre essas questões, já que são instrumentos empregados em contexto de sala de aula. Nesse sentido, os livros didáticos, como suporte para os professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem, devem contribuir para a reflexão e entendimento da língua, sempre levando em consideração seus diversos usos e seus respectivos contextos sociais. Expostas as nossas considerações teóricas, passamos à apresentação da metodologia que permitiu a realização desta pesquisa

3 METODOLOGIA DA PESQUISA: CATEGORIZAÇÃO, *CORPORA* E PROCEDIMENTOS

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa. Inicialmente, expomos a categorização da pesquisa, de acordo com a área de estudo, os objetivos e os procedimentos técnicos levantados. Em seguida, indicamos os *corpora* da investigação, indicando as delimitações realizadas para proceder com a análise. Por fim, destacamos os procedimentos analíticos realizados, com demarcação das categorias de análise propostas.

3.1 Categorização da investigação: área e tipos de pesquisa

A Linguística Aplicada (LA), conforme observa Moita Lopes (1996):

[...] é entendida aqui como uma área de investigação aplicada, mediadora, interdisciplinar, centrada na resolução de problemas de uso da linguagem, que tem um foco na linguagem de natureza processual, que colabora com o avanço do conhecimento teórico, e que utiliza métodos de investigação de natureza positivista e interpretativista (MOITA LOPES, 1996, p. 22-23).

Sendo assim, a LA, enquanto área de pesquisa, trata de investigações quanto a usos da linguagem em contextos sociais diversos, sejam eles escolares ou não. Ou seja, não investiga apenas contextos aplicados à prática, necessariamente. Nesse ponto de vista, na LA, não vemos a língua/linguagem como uma estrutura fechada, mas como uma construção sócio-histórica. Desse modo, ela é vista por um viés mais performativo, assegurando-se também a percepção de mudanças.

Diante disso, podemos dizer que a LA, em seu aspecto interdisciplinar, é uma ciência com uma grande cobertura que incorpora também outras ciências. Sendo assim, é uma área que está preocupada com a identificação e a busca de soluções para os diversos problemas sociais que envolvem o uso da linguagem. Em consideração a isso, para Moita Lopes (2013, p. 20), a LA “vai construir outro discurso para a vida social, pleno de alternativas que possam alterar o presente e reinventar a vida social”.

De acordo com Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011),

A Linguística Aplicada cria inteligibilidades sobre tais problemas, a fim de que alternativas para esses contextos de uso da linguagem possam ser vislumbradas. Assim, ao que parece, a concepção de que esse ramo de estudos não produz teorizações precisa ser criteriosamente revisto, porque não parece mais ser essa a questão central. (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011, p. 31).

Sendo assim, compreende-se que conforme Moita Lopes (2013), a LA vem tentando criar inteligibilidade e produzir conhecimentos sobre o mundo social em que vivemos, isso através da análise das interações e relações existentes entre a linguagem e as diversas áreas de conhecimento. Nessa perspectiva, compreendemos que LA é a ciência que estuda o uso da língua, tanto no ensino, quanto nos demais lugares e contextos. Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011) esclarecem ainda que:

[...] a questão mais importante não é a discussão que define se a nova Linguística Aplicada é transdisciplinar, interdisciplinar ou indisciplinar, mas o fato de que esse novo olhar traz consigo o convite para a permeabilidade entre diferentes áreas do conhecimento na busca de soluções para problemas linguísticos socialmente relevantes (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011, p. 29).

Além disso, de acordo com discussões de Rojo (2013), as pesquisas da LA que abordam o ensino de línguas têm enfatizado diversos objetos, entre os quais estão os materiais didáticos utilizados em contexto escolar. Os resultados obtidos com relação aos livros didáticos, por exemplo, apontam para “o papel estruturador e cristalizador de currículos” (ROJO, 2013, p. 164), assim como, de acordo com a autora, uma espécie de homogeneização de práticas e propostas pedagógicas alavancadas como “tradicionais”. Nesse ínterim, considerando o inegável papel que o livro didático desempenha na prática docente, carece de cada vez mais investigações no âmbito da LA, de modo a acompanhar a forma como tal material vem sendo produzido.

Nessa direção, no que concerne a sua relação com o ensino e aprendizagem, a LA também é de fundamental importância para o estudo e a confecção de materiais didáticos, pois, como sabemos, esses instrumentos são objetos que auxiliam e impactam os contextos nos quais são usados. Sendo assim, a partir dos materiais didáticos se revisa o currículo de ensino e se reorganizam as práticas pedagógicas, o que impacta também a formação de professores.

Vale ressaltar que, ao mesmo tempo que os materiais didáticos fornecem informações, às vezes, favorecem apagamentos de alguns assuntos. Diante disso, os professores podem conceder visibilidade a alguns aspectos da língua, e a outros não. Desse modo, é importante que os materiais didáticos sejam elaborados de forma que tratem de todos os aspectos da

língua, abordando a linguagem em seus variados usos sociais, como é proposto pela LA. Conforme apresentam Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011), é essencial uma proposta de ensino da linguagem que leve em consideração o contexto social dos alunos, bem como as práticas sociais de uso da linguagem, de modo que seja um ensino de natureza operacional e reflexiva.

Diante do exposto e inserida na LA, a presente pesquisa classifica-se como descritiva, do ponto de vista de seus objetivos, e como documental, de acordo com seus procedimentos técnicos. Adota, além disso, pressupostos da abordagem qualitativa de investigação, conforme discussões traçadas a seguir.

Segundo Gil (2002, p. 42), “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Em vista disso, a pesquisa descritiva tem como propósito descrever o máximo possível sobre o assunto estudado, por meio de mensuração de um determinado fenômeno.

Os estudiosos da metodologia científica compreendem que a pesquisa descritiva pode ser acionada quando o campo em investigação já possui uma base teórica consolidada, mas, ainda assim, necessita de acréscimos, atualizações e/ou confirmações de informações sobre determinado assunto. Nessa perspectiva, na pesquisa descritiva, iremos fornecer informações adicionais ao campo de pesquisa e, com isso, aumentar a compreensão do assunto. Portanto, como nossa investigação trata sobre o modo como livros didáticos têm abordado a variação linguística, a pesquisa descritiva torna-se um caminho viável para obtenção de respostas dos nossos objetivos.

A pesquisa documental, por sua vez, utiliza-se de documentos como fonte de coleta de dados para poder analisar e responder a um problema de pesquisa. Diante disso, conforme Cellard (2012), a pesquisa documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros, e também nos possibilita criar novas visões sobre determinados assuntos, contribuindo para um melhor entendimento deles.

Dessa maneira, a pesquisa documental tem como base o uso de documentos. Esse tipo de pesquisa pode ser tanto de natureza qualitativa, quanto quantitativa, isso vai depender de qual será o objetivo do trabalho. Outro ponto importante da pesquisa documental é a confiabilidade da fonte, pois devemos utilizar apenas informações verdadeiras. Diante disso, compreende-se que devemos ter cuidado para extrair apenas as informações que sejam confiáveis e ricas de acordo com os objetivos da pesquisa. As fontes para pesquisa documental podem constituir-se de dados primários – que são dados que ainda não passaram

por um tratamento científico –, ou secundários – que são documentos tratados cientificamente, pertencentes a publicações acadêmicas.

Desta forma, por adotarmos a análise de livros didáticos – compreendidos como documentos primários – para uma melhor compreensão sobre o tratamento dado à variação linguística no contexto de ensino de Língua Portuguesa, ancoramo-nos nos preceitos da pesquisa documental.

Para a análise dos dados, a nossa pesquisa assume a abordagem qualitativa, por nos permitir obter informações para uma melhor compreensão do fenômeno investigado. Nesse sentido, Oliveira (2007) aponta que:

Entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva (OLIVEIRA, 2007, p. 37).

Na pesquisa de abordagem qualitativa não há apenas medição numérica, ou seja, os resultados não são analisados estatisticamente. Diante disso, a coleta, geração e análise de dados consiste em obter as perspectivas, as percepções de determinados elementos, ou participantes, ou seja, busca-se conhecer a fundo o objeto de estudo. Em vista disso, na pesquisa qualitativa o pesquisador vai interpretar as informações obtidas. Essa interpretação se faz relacionando as pequenas conclusões que foram obtidas em cada parte do trabalho, articulando uma observação crítica das ideias tratadas no trabalho. Desse modo, vamos relacionar os conceitos, os princípios, as relações de cada elemento descoberto. Em suma, a pesquisa qualitativa é aquela em que a resposta do problema vai ser construída a partir da interpretação de textos.

Na abordagem qualitativa, precisamos reunir todas as informações que iremos analisar. No caso desta pesquisa, os documentos analisados são volumes de livros didáticos. Diante disso, exploramos esses dados para podermos ver como estão organizados e traçamos interpretações quanto a seus elementos, com base nos pressupostos teóricos aqui levantados. Esses livros, inclusive, são apresentados na seção a seguir.

3.2 *Corpora* da investigação: os livros didáticos da coleção *Se Liga na Língua*

Os *corpora* de estudo é constituído pela coleção do livro didático de Língua Portuguesa *Se Liga na Língua: leitura, produção de texto e linguagem*, publicada pela Editora Moderna. A referida coleção tem autoria dos professores Wilton de Ormundo e Cristiane Siniscalchi. Ormundo é bacharel e licenciado em Letras (habilitações Português/Linguística), mestre em Letras (Literatura Brasileira), professor de Português e diretor pedagógico em escolas de Ensino Médio em São Paulo por mais de 21 anos. Siniscalchi é bacharela e licenciada em Letras (habilitação Português), mestra em Letras (área de concentração: Teoria Literária e Literatura Comparada), professora de Português e coordenadora de Língua Portuguesa em escolas de Ensino Médio em São Paulo por 25 anos.

Os materiais analisados são volumes aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), desenvolvidos para os Anos Finais do Ensino Fundamental que contemplam 6º, 7º, 8º e 9º anos, 1ª edição, ano 2018. A coleção de livros dialoga, conforme os seus autores, com o que propõe a BNCC, especialmente no que concerne à Língua Portuguesa. É notório que logo no início de cada volume eles abordam sobre as habilidades e competências exigidas por esse documento, o que parece contribuir para o desenvolvimento de todo o livro didático.

Abaixo, as capas dos quatro volumes da coleção *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* podem ser visualizadas.

Quadro 1 – Capas dos livros didáticos analisados



Fonte: elaborado pela pesquisadora com base nos dados da pesquisa (2023)

Ao observarmos os volumes, constatamos que cada um deles é composto por oito capítulos. Os capítulos seguem uma organização padronizada em seções, a saber: *Minha canção*, que é uma seção à parte; *Leitura 1 e leitura 2*; *Se eu quiser aprender mais*; *Meu [gênero] na prática*; *Textos em conversa*; *Transformando [gênero] em [gênero]*; *Mais da língua*; *Na prática*; *Entre saberes*; *Conversa com arte*, *Expresse-se!*; *Leitura puxa leitura*; *Biblioteca cultural em expansão*.

Diante disso, observa-se que nos volumes há capítulos ou seções que tratam dos aspectos referentes às questões linguísticas que nos interessam, a saber: a variação linguística e o preconceito linguístico. Vale ressaltar que os capítulos se organizam a partir do estudo de gêneros textuais. Diante dessa visualização geral de todos os livros, selecionamos capítulos que, de forma mais direta, dialogam com o objeto de investigação percorrido por esta pesquisa e que foram detidamente analisados, conforme demonstrado no capítulo seguinte deste trabalho. O quadro abaixo sintetiza as partes dos livros destacadas:

Quadro 2 – Partes dos livros didáticos selecionadas para análise

Coleção <i>Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem</i>			
Volume	Capítulo(s)	Seção(ões)	Síntese
6	2- Verbetes: Palavra que explica palavra	Mais da língua: A língua varia	Aborda aspectos relativos à variação linguística e ao preconceito linguístico.
	3- História em quadrinhos: imagens e palavras em ação	Mais da língua: Escrever não é o mesmo que falar	Particularidades da fala e da escrita.
7	1- Notícia: O registro do cotidiano	<i>Se eu quiser aprender mais</i>	Aborda aspectos relativos à fala em situações públicas e ao grau de formalidade.
8	2- Rap: O grito de periferia	<i>Leitura 1</i>	Aborda aspectos relativos à variação linguística e sobre a norma-padrão.
	3- Regulamento e estatuto: uma necessária orientação	Mais da língua: A regência Na prática	
9	1- Poema-Protesto: A voz em ação	Mais da língua: Variedades linguísticas	Aborda aspectos relativos às variedades linguísticas e ao português brasileiro.

Fonte: elaborado pela pesquisadora com base nos dados da pesquisa (2023)

Na seção seguinte, apresentamos os procedimentos e as categorias de análise adotados.

3.3 Procedimentos analíticos: as categorias de análise

De modo a melhor satisfazer às demandas da análise de nossos dados, diante da abordagem qualitativa adotada, utilizamos os princípios da análise de conteúdo. Segundo Moraes (1999, p. 8), “a análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para

descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos”. Nessa perspectiva, existem alguns passos a serem seguidos no processo analítico, os quais auxiliam para obter os resultados da pesquisa. Conforme Moraes (1999), a análise de conteúdo é constituída de cinco etapas, a saber: Preparação das informações; Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; Categorização ou classificação das unidades em categorias; Descrição; Interpretação.

Na primeira etapa, a preparação das informações, avaliamos os documentos que temos, fazendo uma leitura e observando o que é útil ou não. Desse modo, nessa fase de organização é fundamental fazer um levantamento do que podemos aproveitar, separando o que iremos precisar analisar e o que não será analisado. É nessa fase de preparação que observamos os documentos para percebermos se eles são relevantes ou não para responder o nosso problema de pesquisa. Compreende-se como uma maneira de organização para ajudar no processo de codificação dos materiais.

Após feita a preparação das informações, os dados devem ser submetidos ao processo de Unitarização, o qual deve ser constituído da releitura dos materiais com o objetivo de definir as unidades de análise e, posteriormente, isolar cada uma das unidades de análise definidas para uma melhor classificação. Além disso, é importante que se defina a unidade de contexto, visto que ela é uma unidade ampla que fixa limites contextuais, contribuindo para a interpretação da análise.

A terceira fase é a categorização, fase em que juntamos as informações obtidas e as agrupamos para organizar as ideias. Para Moraes (1999), a categorização é uma das etapas mais importantes da análise de conteúdo:

A categorização é um procedimento de agrupar dados considerando a parte comum existente entre eles. Classifica-se por semelhança ou analogia, segundo critérios previamente estabelecidos ou definidos no processo. Estes critérios podem ser semânticos, originando categorias temáticas. Podem ser sintáticos definindo-se categorias a partir de verbos, adjetivos, substantivos, etc. As categorias podem ainda ser constituídas a partir de critérios léxicos, com ênfase nas palavras e seus sentidos ou podem ser fundadas em critérios expressivos focalizando em problemas de linguagem. [...] A categorização é, portanto, uma operação de classificação dos elementos de uma mensagem seguindo determinados critérios. Ela facilita a análise da informação, mas deve fundamentar-se numa definição precisa do problema, dos objetivos e dos elementos utilizados na análise de conteúdo (MORAES, 1999, p. 12).

A descrição é a quarta etapa do processo de análise de conteúdo, ou seja, esse é o primeiro momento em que descrevemos o material analisado e comunicamos os resultados da

pesquisa. De acordo com Moraes (1999), a descrição é um momento muito importante em que devemos desenvolver textos, uma vez que:

Para cada uma das categorias será produzido um texto síntese em que se expresse o conjunto de significados presentes nas diversas unidades de análise incluídas em cada uma delas. Geralmente é recomendável que se faça uso intensivo de “citações diretas” dos dados originais. [...] O momento da descrição é, sem dúvida, de extrema importância na análise de conteúdo. É o momento de expressar os significados captados e intuídos nas mensagens analisadas. Não adianta investir muito tempo e esforço na constituição de um conjunto de categorias significativo e válido, se no momento de apresentar os resultados não se tiver os mesmos cuidados. Será geralmente através do texto produzido como resultado da análise que se poderá perceber a validade da pesquisa e de seus resultados (MORAES, 1999, p. 14).

Por fim, temos a última etapa denominada de interpretação, a qual é um momento de se aprofundar diante do conteúdo analisado. Ou seja, aqui é a ocasião de demonstrarmos toda nossa compreensão e interpretação dos dados obtidos, isso de maneira mais profunda possível.

De modo determinante, o passo a passo sugerido por Moraes (1999) foi realizado em nossa investigação.

Inicialmente, foi feita a escolha dos volumes didáticos. Depois, partimos para uma leitura e uma breve análise do material escolhido, com intuito de identificar se esses documentos realmente abordavam o nosso objeto de investigação. Posteriormente, separamos as informações encontradas e classificamos o que realmente foi analisado em cada um dos volumes. Em seguida, revisamos os materiais para que fosse possível definir os conteúdos em unidades de análise.

Por meio dos *corpora*, identificamos que, em cada um dos volumes dos livros didáticos de Língua Portuguesa, se apresenta algum capítulo ou seção que aborda a variação linguística. Desse modo, buscamos verificar a maneira que esse assunto é tratado no interior dos livros e como são feitas as discussões em torno disso. Também observamos quais os tipos de variedades linguísticas são apresentados, além de analisar se os livros trazem alguma reflexão acerca do preconceito linguístico, de modo também a examinar as atividades propostas sobre tais aspectos.

Após a construção dos *corpora* de análise, ou seja, a partir das escolhas dos capítulos de cada um dos volumes didáticos (apresentadas na seção anterior), partimos para a categorização dos conteúdos. Feito isso, procedemos para a etapa da descrição dos elementos analisados, estabelecendo as interpretações a partir da compreensão obtida através do objeto de pesquisa.

Sendo assim, analisamos os dados obtidos na pesquisa pela técnica de análise de conteúdo por uma perspectiva descritiva. Para Moraes (1999),

A análise de conteúdo, em sua vertente qualitativa, parte de uma série de pressupostos, os quais, no exame de um texto, servem de suporte para captar seu sentido simbólico. Este sentido nem sempre é manifesto e o seu significado não é único. Poderá ser focado em função de diferentes perspectivas. [...] De certo modo a análise de conteúdo, é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível uma leitura neutra. Toda leitura se constitui numa interpretação (MORAES, 1999, p. 8-9).

Para isso, estruturamos o texto, para fins de análise, em duas categorias, as quais foram subdivididas em algumas subcategorias. A primeira categoria é voltada para a abordagem da variação linguística, dando ênfase para os diferentes tipos de variação. Na segunda categoria, abordamos sobre o preconceito linguístico e a noção de erro, inerentemente relacionados à compreensão de variação linguística, conforme apresentados nos livros didáticos. O quadro a seguir sintetiza essa categorização:

Quadro 3 – Categorias analisadas

Categorias	Subcategorias
Abordagem da Variação Linguística	<ul style="list-style-type: none"> ● Variação geográfica ou diatópica ● Variação social ou diastrática ● Variação diamésica ● Variação estilística ou diafásica ● Variação histórica ou diacrônica
Abordagem do Preconceito Linguístico	<ul style="list-style-type: none"> ● Noção de “certo” e “errado” ● Conceito de preconceito linguístico

Fonte: elaborado pela pesquisadora com base nos dados da pesquisa (2023)

Essa organização, a nosso ver, atende de maneira satisfatória aos objetivos percorridos pela presente pesquisa. Conforme exposto nesta seção, por meio da análise de conteúdo, consideramos ter utilizado diferentes modos e critérios, estabelecendo etapas essenciais para a seleção das categorias válidas de análise, tornando a pesquisa significativa.

No capítulo a seguir, apresentamos a nossa análise de dados.

4 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS DADOS: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO *SE LIGA NA LÍNGUA*

Este capítulo é dedicado à exposição da análise e discussão dos dados obtidos em nossa pesquisa. Para isso, optamos por dividi-lo em duas seções: na primeira, voltamos a explorar a abordagem da variação linguística, de acordo com as diferentes variedades reconhecidas nos estudos sociolinguísticos; na segunda, destinamo-nos à reflexão sobre o trabalho quanto ao preconceito linguístico, tendo em vista ser um elemento fundamental para o entendimento da “rejeição” a certas variedades linguísticas em sociedade.

É válido destacar que os nossos objetivos – (1) identificar os tipos de variação linguística, (2) examinar o tratamento dado às atividades sobre variação linguística propostas e (3) refletir sobre a abordagem do preconceito linguístico nos livros didáticos que compõem a coleção *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* – são contemplados de maneira concomitante ao longo de nossas discussões, conforme é possível de ser verificado a seguir.

4.1 Abordagem da variação linguística

Nesta seção, apresentamos a abordagem dada à variação linguística nos livros didáticos em análise. Para isso, organizamo-la conforme subcategorias estabelecidas na Metodologia deste trabalho, isto é, a partir dos tipos de variedades linguísticas reconhecidas por estudiosos da Sociolinguística. Porém, antes de prosseguir, precisamos ressaltar o seguinte ponto:

Já observou que as variedades linguísticas no Brasil não são compartimentadas. Caracterizam-se por uma relativa permeabilidade e fluidez que se pode representar com um *continuum* horizontal, em que as variedades se distribuem sem fronteiras definidas. A variação ao longo desse *continuum* vai depender de fatores diversos, tais como a mobilidade geográfica, o grau de instrução, a exposição aos meios de comunicação de massa, bem como a outras agências implementadoras da norma culta e urbana, ao gênero, grupo etário, mercado de trabalho do falante etc. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 24, grifo da autora).

De acordo com o que foi discutido pela Bortoni-Ricardo (2005), é fato que um determinado uso da língua pode variar de acordo com fatores diversos ao mesmo tempo. O *continuum* horizontal proposto pela autora é, certamente, aspecto importante para

compreensão da língua em uso. Sabendo disso, a divisão dos dados por meio dos tipos de variedades linguísticas existentes neste trabalho é apenas uma tentativa de melhor didatizar a análise apresentada, reconhecendo-se todos os possíveis riscos de mitigação dos dados causada por essa escolha.

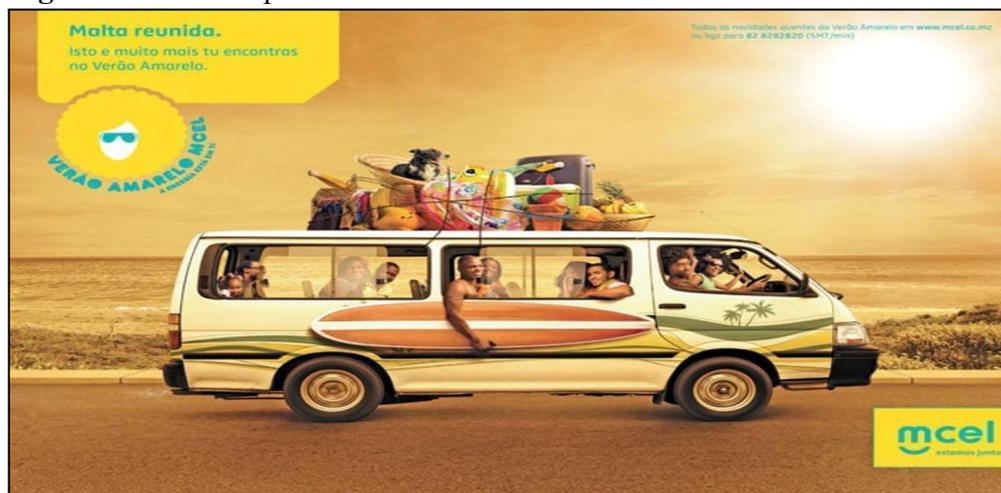
4.1.1 Variação geográfica ou diatópica

Como já discutido, a variação geográfica ou diatópica remete aos diferentes modos de falar de acordo com a região em que a língua está sendo empregada. Bortoni-Ricardo (2004) ressalta que:

Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 33)

Ao acessarmos os livros didáticos em análise, percebemos que esse tipo de variação se encontra presente nas discussões propositadas. É o que pode ser localizado já no volume 6 da coleção *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*. O capítulo 2 “*Verbete: Palavra que explica palavra*” do volume em questão, especificamente na seção *Mais da língua*, apresenta um tópico *A língua varia*, o qual traz uma abordagem sobre os aspectos relativos à variação linguística e ao preconceito linguístico, como já pode ser destacado na Figura 1 a seguir.

Figura 1: Anúncio publicitário



Fonte: Livro *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* - volume 6 (2018, p. 63)

Inicialmente, a seção traz um anúncio publicitário para tratar sobre a diferença existente entre o uso do Português no Brasil e em Moçambique, apesar de falarmos a mesma língua. O objetivo parece ser mostrar ao aluno que as palavras usadas no nosso dia a dia se diferem, seja pelo sentido que damos a elas, seja pela maneira como as pronunciamos, como também pela própria forma de construir as frases, uma vez que o sentido pode variar. Diante disso, a partir desse anúncio publicitário, tentou-se mostrar que existem diferentes formas de utilizar a língua, as quais são denominadas de variedades linguísticas.

Logo após o anúncio publicitário, é proposta uma atividade que indica possibilidades de levar o aluno a refletir sobre essas diferenças existentes na língua, bem como o uso e suas influências, as quais contribuem para essa diferenciação, especialmente considerando a língua portuguesa em contexto brasileiro e moçambicano. Na atividade, recomenda-se que o aluno observe a frase “*Isto e muito mais tu encontras no Verão Amarelo*” para que ele se atente para o uso de uma palavra encontrada no interior do anúncio, a saber: *malta*, uma vez que essa palavra não é comum de ser usada no Brasil. A seguir, podemos ver a referida atividade:

Figura 2: Atividade sobre o anúncio publicitário

Agora, responda a estas questões.

- 1** Esse anúncio faz parte de uma campanha que incentiva os moçambicanos a aproveitar o verão. Que elementos da imagem relacionam essa estação à sensação de bem-estar e descontração? *As pessoas juntas e alegres indo para a praia, as roupas leves, os equipamentos para a prática de esportes e brincadeiras, a companhia do cachorro etc.*
- 2** De que modo a sensação de calor, característica do verão, é representada na imagem? E no título da campanha “Verão Amarelo”? *A forte iluminação na imagem e o termo amarelo, no título, sugerem a sensação de calor.*
- 3** Em “Malta reunida”, que aparece em destaque, ocorre uma palavra que praticamente não é usada no Brasil. Você conseguiu deduzir seu sentido? Como fez isso? *Resposta pessoal. Malta é um grupo de pessoas reunidas, equivalente, no Brasil, a turma. É possível deduzir o sentido pela imagem e pelo uso do adjetivo reunida. Se julgar conveniente, explique aos alunos que, em nosso país, a palavra malta é mais usada como coletivo de pessoas de má fama ou má índole.*
- 4** Suponha que essa campanha também fosse veiculada no Brasil. Que adaptações você faria no texto para que ficasse de acordo com a linguagem que os brasileiros costumam usar? Reescreva as frases no caderno. *Resposta pessoal. Sugestão: Turma (pessoal, galera) reunida(o). Tudo isso e muito mais você encontra no Verão Amarelo.*

63 ● —

Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem- volume 6 (2018, p. 63)

Como pode ser percebido a partir da Figura 2, com especial atenção à variação geográfica ou diatópica, é proposto que o aluno reflita sobre os possíveis sentidos do termo “Malta” (questão 3), já que é incomum de ser usado no Brasil. Além disso, é possível observar a solicitação de que o aluno reescreva as frases do anúncio, adaptando-o para caso ele fosse produzido em nosso país (questão 4). Em vista disso, espera-se que por meio dessa atividade o aluno possa refletir e analisar como ocorre a variação geográfica, fazendo-o compreender que a língua varia de acordo com os diferentes modos de falar de acordo com a

região em que a língua está sendo empregada. Especificamente, é sugerido que o aluno substitua a palavra “malta” por uma expressão como “turma”, bem como o pronome “tu” por “você”, por ser um emprego mais comum em contexto brasileiro.

Vale ressaltar que, sobre o uso dos pronomes “tu” e “você”, os autores do livro didático apresentam explicações que podem ajudar o aluno a entender os motivos que levam a países que falam a mesma língua terem diferenças consubstanciais nas formas empregadas. A Figura 3 ilustra essa questão:

Figura 3: Explicações que vêm após a atividade sobre o uso do pronome “tu”

Você reparou no pronome *tu* na frase “Isto e muito mais tu encontra no Verão Amarelo”? As propagandas dirigidas aos brasileiros costumam usar *você*, muito mais comum em nosso território. Essas formas diferentes de empregar a língua são chamadas de **variedades linguísticas**.

Moçambique é um país da África que, como o Brasil, também foi colonizado por Portugal. Todavia, nossos falares se diferenciaram porque, quando os portugueses chegaram lá e aqui, já havia outros povos nativos em ambos os territórios, e as línguas faladas por eles interagiram com o português, criando variações dele. Além disso, ao longo dos anos, ocorreram contatos com outras línguas, pela presença de estrangeiros ou pelos meios de comunicação, e elas também influenciaram o português local.

Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 6 (2018, p. 64)

A discussão apresentada, possivelmente, é um facilitador para que o aluno compreenda as influências que a língua recebe a depender do lugar em que ela esteja sendo empregada, o que pode gerar variações nos modos de ser utilizada pelos habitantes de determinadas regiões.

Sendo assim, é na escola que o aluno pode reelaborar os seus conhecimentos, o que tende a contribuir para a ampliação de visão de mundo. Por isso, quando o aluno está inserido em um contexto escolar que trabalha de forma consciente as variedades linguísticas existentes, ele está propício a aceitar todas as diferenças encontradas, compreendendo que não existe linguagem “errada”, e, sim, diferentes circunstâncias em que se podem empregar várias formas de falar.

Nessa perspectiva, de acordo com Bortoni-Ricardo (2005):

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

A partir do apresentado, o fato de o livro didático em questão ressaltar aspectos que remetem à variação geográfica pode auxiliar, no processo de escolarização, para que o aluno tome consciência das diferentes formas linguísticas dentro de uma mesma língua à disposição de seus usuários. Dando continuidade à análise, este mesmo volume da coleção ainda apresenta trabalho voltado ao seguinte cartum:

Figura 4: Cartum produzido pelo ilustrador gaúcho Gilmar Luiz Tatsch, conhecido como Tacho

4 Leia um cartum produzido pelo ilustrador gaúcho Gilmar Luiz Tatsch, conhecido como Tacho.



4b. O cartunista associou os pinguins, animais que vivem em áreas geladas, a um ambiente seco e quente, como sugerem os desenhos do sol escaldante e do cacto.

4c. A legenda localiza a cena no espaço e no tempo, favorecendo a compreensão do contexto.

4d. Surpresa, espanto.

4e. Na região Nordeste.

4f. Reforça o contraste.

4g. Sugestão de resposta: o problema do aquecimento global; uma área desértica e quente; o sertão nordestino; variedade linguística nordestina; mostra a ave em uma situação anormal.

g) DESAFIO DE ESCRITA Nesta atividade, você vai produzir um parágrafo de análise do cartum. Em seu caderno, copie e complete o texto a seguir.

O cartum de Tacho chama a atenção do leitor para _____. Para fazer isso, ele mostra o Polo Norte transformado em _____, que lembra _____. A fala "Oxente", de um dos pinguins da cena, é típica da _____ e produz humor porque _____.

Porque os pinguins concentram-se no hemisfério sul; eles não vivem no Polo Norte. 69

Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 6 (2018, p. 69)

Como destacado na Figura 4, através de um cartum os autores trazem a possibilidade dos alunos identificarem e refletirem sobre a palavra *oxente* usada por um dos pinguins na cena (questões “d”, “e” e “f”). Tem-se como objetivo que os alunos compreendam que essa é uma expressão bastante usada em uma região do Brasil, especificamente na região Nordeste. A partir dessa atividade, certamente, espera-se que o aluno perceba que a língua varia de região para região, e até mesmo entre grupos de pessoas de uma mesma região.

Logo em seguida, é proposta mais uma atividade de análise de uma tirinha do Urbanoide de Diogo Salles. A tirinha, conforme a Figura 5, apresenta um diálogo entre duas pessoas, um carioca e um paulistano. Há um estranhamento no diálogo entre os personagens.

O carioca critica o modo dos paulistanos colocarem purê de batata no hot dog, enquanto o paulistano responde dizendo que é pelo mesmo motivo que os cariocas colocam catchup na pizza.

Figura 5: Tirinha e proposta de atividade, do Urbanoide- Diogo Salles

5 Leia uma tirinha do Urbanoide (rapaz de barbicha). Essa tira evidencia a **variação regional** do português usado no Brasil ao brincar com as diferenças entre as linguagens empregadas por paulistanos e cariocas.

Urbanoide

Diogo Salles

5a. É uma tentativa de reproduzir a forma como os cariocas pronunciam a letra *s* (quando não é seguida por vogal). Ressalte aos alunos que os cariocas costumam chamar os paulistanos de "paulistas".

5b. A imitação da pronúncia é um dos principais recursos para o reconhecimento da origem do personagem carioca e, consequentemente, para o estabelecimento do contraste entre ele e o paulistano.

5c. "Mermão", uma junção de *meu* + *irmão*, e "ai", vocábulo usado por falantes cariocas para chamar a atenção de alguém.

5d. Os hábitos alimentares: cariocas estranham o hábito paulistano de pôr purê de batata no *hot dog*, enquanto os paulistanos estranham o dos cariocas de colocar *catchup* na pizza.

a) Por que a palavra *paulista* foi escrita com *x* ("paulixta") e não com *s*?

b) Por que essa forma de escrever a palavra *paulista* é fundamental para que o leitor entenda a tira?

c) Que outras palavras usadas pelo mesmo falante também marcam a variedade regional da cidade do Rio de Janeiro?

d) Além da língua, que outro aspecto cultural é citado para diferenciar os moradores das duas regiões?

e) As tiras do Urbanoide são publicadas em jornais da cidade de São Paulo. Que diferença haveria se essa tira circulasse em um jornal carioca? *Nesse caso, algumas marcas típicas da linguagem paulistana é que seriam imitadas.*

Fonte: Livro *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* - volume 6 (2018, p. 70)

Nesta atividade, sugere-se que os professores trabalhem com seus alunos a variação regional do português usado no Brasil. A partir dessa atividade, provavelmente, espera-se que os alunos identifiquem as palavras que são usadas por falantes do Rio de Janeiro e São Paulo, e reflitam sobre a variedade regional existente entre elas, atentando também para outros aspectos culturais que os diferenciam.

Como argumenta Alkmim (2001, p. 34), "A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas". Diante disso, compreende-se que a variação geográfica ocorre em razão das diferenças regionais, nas quais as palavras divergem uma das outras a depender da região. Nessa perspectiva, pudemos observar esse tipo de variação nos exemplos explicitados anteriormente, nos quais durante um momento de comunicação os falantes pronunciam palavras ou expressões de maneiras diferentes, que se tornam distintas de acordo com cada região a qual pertencem.

Prosseguimos com a análise do último volume didático dessa coleção, o volume 9, atentando-nos para o capítulo 1 “*Poema-Protesto: A voz em ação*”, exclusivamente, a seção *Mais da língua: Variedades linguísticas*, que aborda aspectos relativos às variedades linguísticas, ao português brasileiro e ao uso social da língua. Esse trabalho é iniciado com a apresentação de uma tirinha do personagem Calvin, como indicado pela Figura 6:

Figura 6: Tirinha Calvin, de Bill Watterson



Fonte: Livro *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 9* (2018, p. 30)

A tirinha de Calvin nos mostra duas traduções, em que é possível observar algumas diferenças entre a língua portuguesa usada no Brasil e a utilizada em Portugal. Demonstra com clareza um exemplo de variação geográfica, a partir da apresentação de usos de palavras que são mais comumente utilizadas em determinadas regiões (cansado/farto, bobagem/palermice, etc.). Logo após a tirinha, a seguinte atividade é destacada no livro didático:

Figura 7: Atividade proposta sobre a tirinha Calvin, de Bill Watterson

<p>3 Ao ler as duas traduções da tira é possível observar algumas diferenças entre a língua portuguesa usada no Brasil e aquela utilizada em Portugal.</p> <p>a) Na tradução portuguesa, que pessoa gramatical o pai de Calvin emprega para se referir ao filho? Cite um exemplo.</p> <p>b) Esse uso é comum no Brasil? Justifique.</p> <p>c) Compare a posição do pronome <i>me</i> em relação ao verbo no segundo quadro. Qual é o uso preferido pelos brasileiros em situações de interação oral? E pelos portugueses?</p> <p>d) Cite uma palavra da tradução portuguesa que não seja comum no português falado no Brasil. <i>O termo palermice, que significa "bobagem".</i></p>	<p>3a. Ele usa a segunda pessoa do singular, como mostram as formas <i>não paras, vais, chama(-me) e quiseres</i>.</p> <p>3b. Não. No Brasil, costuma-se usar <i>você</i> com mais frequência. <i>Tu</i> é empregado apenas em algumas regiões.</p> <p>3c. Os brasileiros preferem colocar o pronome antes do verbo, e os portugueses, depois.</p>
---	--

Fonte: Livro *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 9* (2018, p. 31)

A tirinha e a atividade presentes tratam da variação geográfica ou diatópica, e é provável que ajude o aluno a refletir sobre os diferentes modos de variedades linguísticas existentes, atentando-os para as situações de interação oral. Nessa perspectiva, espera-se que o aluno reconheça que as palavras variam de uma região para outra, desse modo, compreendendo que esse tipo variação vai depender da identificação geográfica a que o indivíduo pertence.

Prosseguindo com a análise dos dados, identificamos que no volume 9 da coleção há a exploração de uma charge produzida por Jarbas Soares para abordar sobre a variação linguística, especificamente, a variedade geográfica. Nessa charge, o destaque se volta para uma variedade usada em Minas Gerais, enfatizando um sotaque local para produzir humor, como é apresentado a seguir, na Figura 8.

Figura 8: Charge de Jarbas Soares



Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 9 (2018, p. 33)

Como é possível de perceber a partir da charge apresentada, há marcas de variedade geográfica, especialmente atrelada ao estado de Minas Gerais, considerando-se o destaque a expressões adotadas nessa parte do país (“cafezin”). Isso se confirma, também, pelo fato de a situação ocorrer em Varginha (“Et em Varginha”), município localizado no estado supracitado. É provável que, por meio da visualização dessa charge, os alunos consigam identificar um dos fatores contribuintes para os vários tipos de variedades linguísticas existentes, isto é, o fator geográfico, o qual não distingue apenas os falares de países diferentes, como também podemos perceber diferenças na maneira de falar em pessoas de estados diferentes.

Vale ressaltar que em um mesmo estado é possível encontrar variedades linguísticas diferentes, isso através de contribuições de diversos fatores, principalmente, do fator local, como a diferença entre o modo de falar das pessoas da área urbana e da área rural.

Outro exemplo de trabalho com a variação linguística geográfica ou diatópica encontra-se destacado na Figura 9. Observamos, a partir do uso do gênero receita culinária, o tratamento do livro didático com relação a variados modos de se referir a um mesmo alimento/ingrediente, como exposto a seguir:

Figura 9: Imagem do Gênero textual receita culinária e proposta de atividade

Bolo de macaxeira – mandioca ou aipim

Ingredientes

- 1 kg de macaxeira (mandioca, aipim)
- 2 xícaras (chá) de leite de coco
- ½ xícara (chá) de água
- 2 ½ xícaras (chá) de açúcar (se gostar desse bolo bem docinho use até 3 xícaras)
- 1 colher (sopa) de manteiga derretida
- 2 ovos

Disponível em: <<http://gshow.globo.com/receitas-gshow/receita/bolo-de-macaxeira-mandioca-ou-aipim-5068acd64d3885095d000045.html>>.
Acesso em: 6 set. 2018.



GUSTAVO L. SOUSA SHUTTERSTOCK

2a. A precisão aparece na indicação exata dos ingredientes e de sua quantidade.

2b. Não. Os três nomes referem-se ao mesmo alimento; o nome *mandioca* é mais usado nas regiões Sul e Sudeste; *aipim*, no Rio de Janeiro; e *macaxeira*, nas regiões Norte e Nordeste.

2c. Ao citar os termos *macaxeira*, *mandioca* e *aipim*, o site reconheceu que os brasileiros não falam de forma idêntica em todas as regiões.

36

Fonte: Livro *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* - volume 9 (2018, p. 36)

Percebemos que, com o auxílio de uma lista de ingredientes para a preparação de um bolo, os autores buscaram apresentar os diferentes nomes atribuídos a um tipo de alimento. Dessa maneira, por meio da leitura dessa receita culinária, ao citar os termos “macaxeira”, “mandioca” e “aipim”, espera-se que os leitores consigam reconhecer a existência da variedade linguística entre as diferentes regiões, em que para um único alimento as pessoas podem denominar nomes diferentes. O reconhecimento dessa percepção é o de que, aparentemente, é esperado do aluno por meio da questão “c” da atividade.

Ressalta-se, ainda, a exploração da variação geográfica ou diatópica a partir de um fragmento do romance do escritor angolano Ondjaki, como indicado na Figura 10 a seguir.

Figura 10: Fragmento de um romance do escritor angolano Ondjaki e proposta de atividade

3 Leia o fragmento de um romance do escritor angolano Ondjaki. Nele é narrado o diálogo de um menino com um empregado de sua casa.

Acordei novamente bem-disposto porque ia à praia com a tia Dada, as minhas irmãs tinham aulas, e eu era o único que podia lhe acompanhar. Isso também era bom porque como íamos estar só os dois, ia dar para lhe enfiar umas baldas que não tinha ninguém ali para me desconfirmar.

Bom dia, menino!, disse o camarada António quando eu já estava a acabar o matabicho. *Bom dia, camarada António, tudo bem?*, enquanto ele começava a arrumar melhor os copos, mudava os pratos de sítio, abria a geleira e espreitava, abria a janela da cozinha, tudo só por hábito, não é que aqueles gestos fossem para alguma coisa, não sei se já repararam que os mais velhos fazem muito isso.

– *Menino, hoje vai passear?* – e continuava a mexer nas coisas.
 – *Sim, vou com a tia Dada à praia, o camarada João vai nos levar.*
 – *A tia trouxe prenda, menino?* – ele tava a rir, assim queria perguntar se a tia tinha trazido prendas pra todos.
 – *Tu ainda não falaste com ela, António?*
 – *A tia tava a falar ainda com o pai, ainda não falei bem...*
 – *Hum... – eu sorri. – Acho que ela trouxe-te uns sapatos bem bonitos...*

ONDJAKI. *Bom dia, camaradas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 47-48.



c) A linguagem do texto exemplifica uma das variedades linguísticas do português angolano. Associe as palavras e expressões da coluna da esquerda aos respectivos significados na coluna da direita.

(I) balda	(A) lugar
(II) desconfirmar	(B) geladeira
(III) matabicho	(C) lorota, conversa fiada
(IV) sítio	(D) desmentir
(V) geleira	(E) café da manhã

d) O menino emprega o pronome *tu* para falar com António. A que pessoa do discurso se refere esse pronome? *À 2ª pessoa (singular).*

e) Considerando a relação entre os personagens, revelada na maneira como conversam, deve-se concluir que o uso desse pronome, no português de Angola, indica intimidade ou distanciamento? *Intimidade*

f) No Brasil, o emprego de *tu* é uma marca de variação geográfica ou social? Justifique. *Geográfica, já que esse pronome é usado em poucas áreas, geralmente no sul do país.*

g) Que locução verbal os brasileiros costumam utilizar em lugar daquela destacada em “já estava a acabar o matabicho”?
A forma do gerúndio: estava acabando.

Fonte: Livro *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* - volume 9 (2018, p. 37-38)

Por meio desse fragmento do romance escrito pelo angolano Ondjaki e proposta de atividade, possivelmente espera-se que o aluno consiga ler e interpretar de maneira que possa entender as diferentes variedades linguísticas existentes, no caso, as variedades linguísticas do português angolano (questão “c”). Além disso, se mantém o foco na análise do emprego pronome *tu* (questões “e” e “f”), realçando-se o seu uso no português angolano e no português brasileiro. Desse modo, é uma proposta de atividade que indica a possibilidade de o aluno compreender que se trata de uma marca de variação geográfica, uma vez que o pronome *tu* só é empregado dessa forma em algumas regiões do Brasil. Ainda é possível perceber o trabalho voltado à expressão “estava a acabar”, muito empregada em regiões portuguesas, e a maneira equivalente utilizada em regiões brasileiras (“estava acabando”, como indicado na questão “g”).

Para além da variação geográfica e diatópica, os livros didáticos da coleção *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* também exploram a variação social ou diastrática, como é possível se verificar a partir da subseção seguinte.

4.1.2 Variação social ou diastrática

Prosseguindo com a análise, encontramos no volume 6 vários exemplos de variação social ou diastrática. Para Alckmin (2001), esse tipo de variação se relaciona a vários fatores, desse modo ressalta que:

A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Neste sentido, podemos apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social; idade; c) sexo; d) situação ou contexto social. (ALCKMIN, 2001, p. 35)

Adiante, o volume apresenta uma transcrição de um trecho da animação *Tá dando onda* e proposta de atividade, para tratar sobre as gírias usadas por grupos sociais de jovens, como podemos visualizar na Figura 11.

Figura 11: Transcrição de um trecho da animação *Tá dando onda* e proposta de atividade

2 A animação *Tá dando onda* conta a história do pinguim Cadu, que deixa a Antártida para participar de um torneio de surfe em busca de fama. A seguir, você vai ler a transcrição de um trecho da animação em que Cadu, após se arriscar em uma onda enorme, é resgatado, recebe autorização para participar do torneio e conhece João Frango, que se tornará um grande amigo. Leia o diálogo, prestando atenção à linguagem utilizada pelos personagens.

.....

João Frango: Te pegamos, te pegamos. Tu é mais pesado que boi na ladeira, hein? U-hu! Nada como trabalho em equipe. Prazer! João Frango, brou!

Cadu: Valeu, João.

[...]

Cadu: Meu nome é Cadu Maverick, do Frio de Janeiro. E tu?

João Frango: Não. Não sou do Frio de Janeiro, não.

Cadu: Ah... Tu é de onde?

João Frango: Eu sou do Pantanal Mato-grossense, lá do Brasil. É lá que eu surfo. Eu era o único que surfava na região, e as pessoas me achavam meio doido, mas eu me acostumei.

Cadu: Eu sei como é isso, cara.

João Frango: Sabe?

Cadu: Sei.

João Frango: Irado!

(*João Frango é arremessado ao alto por uma onda*)

João Frango: U-hu-hu! Mó visual, maninho!

[...]

Tá dando onda. Direção: Chris Buck e Ash Brannon. Columbia Pictures, Sony Pictures Animation. EUA, 2007. DVD (85 min).

.....

a) A amizade entre Cadu e João Frango nasce de uma experiência de vida que ambos tiveram. Qual? *Ambos vieram de regiões em que o surfe não é praticado e, por isso, não eram bem aceitos pelas pessoas.*

b) O nome "Frio de Janeiro" é uma brincadeira. Por que a palavra *Frio* foi trocada por *Frio*? *A escolha do termo Frio tem a ver com as áreas de onde costumam vir os pinguins, geralmente frias.*

c) A caracterização dos personagens como surfistas inclui o uso de muitas gírias utilizadas por esse grupo social. Transcreva exemplos usados para fazer referência ao interlocutor. "Brou"; "cara"; "maninho".

d) Em que situações costuma ser empregada a expressão *u-hu*? Que outra palavra do texto tem o mesmo sentido dela? *A expressão costuma ser usada em situações prazerosas e, nesse contexto, equivale a irado.*

67 

Fonte: Livro *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*- volume 6 (2018, p. 67)

Como demonstrado pela Figura 11, o livro didático em questão propõe a leitura da transcrição de um trecho da animação *Tá dando onda* e, posteriormente, a resolução de uma atividade para que os alunos consigam analisar a linguagem utilizada pelos personagens. Parte dessa atividade visa à reflexão linguística com identificação de algumas expressões, atentando-se para qual tipo de grupo social tais expressões pertencem. Aparentemente, há uma busca por mostrar como é a maneira de comunicação de determinados grupos sociais, principalmente os grupos jovens, os quais geralmente usam as gírias. A questão “c”, de modo especial, solicita que os alunos identifiquem os tipos de gírias usadas por um grupo de surfistas, já que é esta a caracterização dos personagens da animação. Desse modo, espera-se que os alunos consigam compreender os diferentes modos de falar desse grupo social específico.

Além da transcrição da animação e proposta de atividade apresentadas anteriormente, que tratam das gírias usadas por grupos sociais de jovens surfistas, também encontramos outro exemplo no livro didático; dessa vez, em uma letra de uma canção escrita na década de 1960, demonstrada pela Figura 12.

Figura 12: Letra de canção escrita na década de 1960

E Leia uma letra de canção que também usa a linguagem de um grupo social jovem. O texto, porém, foi escrito há bastante tempo, na década de 1960.

Broto legal

<p>Ô que broto legal Garota fenomenal Fez um sucesso total E abafou no festival Eu logo que entrei O broto focalizei Ela olhou eu pisquei E pra dançar logo tirei O broto então se revelou Mostrou ser maioral A turma toda até parou E no <i>rock and roll</i> nós dois demos um <i>show</i></p>	<p>Puxei o broto pra cá Virei o broto pra lá A turma toda gritou <i>Rock and roll</i> E o <i>rock</i> continuou [repete a letra toda até aqui] E o <i>rock</i> terminou E o <i>rock</i> terminou</p>
---	--

H. EARNHART; VERSÃO: KENAIU GURIE REAL.
Broto legal (I'm in love). Intérprete: SERGIO MURILO. *Broto legal*.
São Paulo: Editora Importadora Musical Fermata Brasil,
1976. 1 LP vinil, compacto, 45 rpm.



Jovens dançando *twist* no clube Régine, em Paris, França, década de 1960.

A canção apresentada intitula-se “Broto Legal” e é relacionada pelo livro didático à linguagem adotada por um grupo social jovem da década de 1960. Posteriormente, são apresentadas algumas questões para reflexão do alunado, como demonstra a Figura 12.

Figura 13: Atividade sobre a letra de canção escrita na década de 1960

Um festival ou uma festa com dança.

a) A letra da canção trata de um evento envolvendo jovens. Qual é ele?

b) No contexto dessa canção, a palavra *broto* é uma gíria. O que ela significa? Uma pessoa jovem, geralmente bonita.

c) Qual é o sentido comum de *broto*? Existe alguma semelhança entre esse sentido e o da gíria?

d) A gíria *broto*, que já foi muito utilizada pelos jovens, hoje está em desuso. Que outra gíria tem sido usada no lugar dela? Mina, gata etc.

As gírias pertencem ao vocabulário típico de certos grupos, como os surfistas ou os roqueiros. Como ocorre com as demais palavras, o conjunto de gírias se altera com o passar do tempo. Nos anos 1960, por exemplo, uma turma era chamada de *patota*, e um sujeito legal, de *batuta*, termos que hoje provocariam nosso riso.

3c. A noção de algo novo é a ideia comum aos dois sentidos de *broto*: na canção, indica uma garota jovem; fora dela, costuma significar o estágio inicial de uma planta.

Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem- volume 6 (2018, p. 69)

A atividade em questão focaliza a linguagem empregada na canção, observando-se o sentido da gíria *broto* empregada (questão “b”), as relações entre significado comum da palavra e o recebido nesse uso particular (questão “c”), bem como as mudanças ocorridas se comparado aos dias atuais (questão “d”); esse último aspecto, inclusive, encaminha também para uma percepção de variações diacrônicas ou históricas. De modo geral, percebemos que a atividade auxilia na compreensão do aluno sobre de que maneira ocorre a comunicação dos variados grupos sociais, especialmente a partir da adoção de gírias.

Consideramos, portanto, que é importante trabalhar nas escolas com questões que envolvem situações cotidianas. Diante disso, esse trabalho pode contribuir para o entendimento da variedade social, principalmente quando se destacam as gírias usadas pelos grupos de jovens, uma vez que fazem parte do cotidiano dos alunos. Sendo assim, há uma aproximação de sua realidade e de seu contexto, o que corrobora para que essas expressões façam sentido para eles.

Diante disso, de acordo com Bagno (2007), a variedade linguística são os diferentes modos de falar uma língua:

[...] esses diferentes modos de falar se correlacionam com fatores sociais como lugar de origem, idade, sexo, classe social, grau de instrução etc. [...] Partindo da noção de heterogeneidade, a Sociolinguística afirma que toda língua é um feixe de variedades. Cada variedade linguística tem suas características próprias, que servem para diferenciá-la das outras variedades. (BAGNO, 2007, p. 47).

Dando continuidade à análise dos volumes didáticos, verificamos que no volume 8, precisamente o capítulo 2 “*Rap: O grito de periferia*”, seção *Leitura 1*, aborda sobre aspectos relativos à variação linguística. É que expõe a Figura 14.

Figura 14: Atividade reflexiva sobre o funcionamento do rap

Como funciona um rap?

Refleta um pouco mais sobre o rap que você leu.

- 1** Quais recursos expressivos contribuem para a musicalidade do texto?
A rima e o refrão.
- 2** Analise a linguagem empregada pelo produtor do texto.
 - a) Explique o significado de algumas expressões, recorrendo a seus conhecimentos ou procurando entendê-las no contexto.
 - I. “Tem mina que não assimila” (verso 6)
 - II. “Isso não é maneiro” (verso 23)
 - III. “quando o bicho pega corre” (verso 46)
 - b) De que variedade linguística essas expressões fazem parte?
- 3** Muitos raps parecem relatar situações realmente vividas, como se fossem relatos autobiográficos. “Junto e misturado” dá ao público essa impressão? Explique sua resposta.
- 4** Esse rap revela uma ideologia (conjunto de ideias ou convicções) em relação à forma como as pessoas devem se relacionar em sociedade. O que ele defende? O rap defende que as pessoas sejam leais umas com as outras e saibam aproveitar suas oportunidades sem prejudicar ninguém.

Da observação para a teoria

O gênero textual *rap* é um texto oral produzido para ser declamado, como um discurso, sobre um fundo musical. É caracterizado, sonoramente, pela presença de rimas e contém marcas das variedades linguísticas que costumam ser usadas por jovens das periferias urbanas. De maneira geral, os temas dessas produções relacionam-se às experiências desses jovens.

O arranjo da música que acompanha a letra do rap é, em geral, bastante simples. O texto pode ser apresentado à capela (sem acompanhamento musical) ou vir acompanhado por sons produzidos com a boca e o nariz ou, ainda, por uma base montada eletronicamente ou por instrumentos.

Dica de professor

Sempre que for solicitada a análise de *recursos expressivos*, observe os elementos que foram usados para conseguir algum efeito específico, como uma palavra escrita com letras maiúsculas para sugerir um grito ou a repetição de um termo para expressar monotonia, por exemplo.

2a-I. Há meninas que não refletem nem sabem como se impor, participar de um grupo como o eu lírico faz, por exemplo.

2a-II. Determinada atitude não é adequada.

2a-III. Algumas pessoas fogem quando a situação fica difícil.

2b. Da variedade linguística usada pelos jovens das periferias urbanas, sobretudo da Região Sudeste.

3. Resposta pessoal. Espere-se uma resposta afirmativa, já que são citados os nomes dos rappers (“Eu, Kmila, não precisei entrar na fila” e “no vocal DJ Tony”) e experiências de um grupo de artistas.

Fonte: Livro *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* - volume 8 (2018, p. 62)

Com base na leitura do rap *Junto e misturado*, apresentado logo no início do capítulo, na seção *Leitura 1*, o livro didático propõe a realização de uma atividade que busca fazer com que os alunos compreendam o funcionamento do rap, assim como possam refletir sobre algumas expressões utilizadas durante a sua produção, tais como as gírias, as quais são frequentemente usadas por grupos de jovens (questão 2). Desse modo, há uma atenção para as marcas de variedade linguística. Diante disso, compreende-se que é feita uma abordagem acerca da variação social, a qual é determinada por fatores como hábitos e culturas dos diferentes grupos sociais.

Além disso, identificamos que no volume 9 os autores expõem um dos aspectos de um tipo de variedade linguística por meio de um meme. É esse trabalho que podemos verificar a partir da Figura 15.

Figura 15: Meme criado pelos autores do volume didático 9



Diante da impossibilidade de confirmar a autoria dos memes e solicitar autorização de uso, criamos este especificamente para fins didáticos.

Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 9 (2018, p. 34)

Verificamos que é apresentada a fala de um cachorrinho para tratar do fator social, por meio das expressões “véi” e “mando flip”. Com isso, parece haver um interesse em mostrar que a língua varia conforme vários fatores, tais quais: a idade do falante, o gênero, o nível de escolaridade, a profissão, os interesses etc. Certamente, por meio desse meme, o leitor pode identificar essa fala e associá-la com a de alguns grupos de jovens.

Já na Figura 16, apresentada a seguir, há o emprego de gírias típicas usadas geralmente por um determinado grupo urbano.

Figura 16: Tirinha do Urbanoide, criado pelo quadrinista paulista Diogo Salles

Urbanoide

VÉIO, TÔ SEGUINDO VÁRIAS CELEBRIDADE NO TWITTER.

DIZEM QUE É TIPO “FAKE”...

MAS TIPO BEM, EU TAMBÉM SOU “FAKE”, TÁ LIGADO?

Diogo Salles

38

a) A rede social citada pelo personagem permite aos usuários enviar e receber informações postadas pelos contatos da rede por meio de textos bem curtos. O que está sendo chamado de *fake* (falso) nesse contexto?

b) O que Urbanoide quer dizer ao comentar que ele também é *fake*?

c) Quais palavras ou expressões usadas por Urbanoide são gírias?

d) Além do vocabulário, a variedade usada por Urbanoide apresenta uma particularidade em relação à concordância. Descreva-a. Em “várias celebridade”, ele marca o número plural apenas no pronome.

As gírias são palavras, expressões ou orações que pertencem ao vocabulário específico de certos grupos, geralmente jovens, como os esquetistas ou os “funkeiros”.

4a. O personagem se refere a perfis falsos da internet, isto é, criados de forma indevida em redes sociais, para se passar por uma pessoa famosa, mas que não foram criados por ela.

Fala aí!

Em diversas redes sociais, as pessoas expõem informações de sua vida pessoal. Em sua opinião, qual é o risco disso?

4b. Há duas leituras possíveis. Urbanoide pode estar se referindo ao fato de ser um personagem de ficção, portanto não real; ou estar sugerindo que tem um perfil falso na internet.

4c. “Véio”; “tá ligado”.

Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 9 (2018, p. 38)

Por meio da tirinha do Urbanoide, criado pelo quadrinista paulista Diogo Salles, notamos que esse personagem emprega gírias (“véio”, “tá ligado”) típicas de alguns grupos urbanos, sobretudo os grupos de jovens da cidade de São Paulo. Na atividade proposta (questão “c”), ao que tudo indica, espera-se que o leitor consiga identificar o que são gírias e quais foram usadas por Urbanoide. A partir dessa atividade, certamente espera-se que o aluno seja capaz de compreender que as gírias são palavras que pertencem ao vocabulário particular de certos grupos, geralmente grupos de jovens.

A questão da gíria continua sendo trabalhada pelo volume 9 da coleção em questão. Desta vez, o trabalho se volta para leitura e compreensão de uma tira produzida pelo cartunista paraibano Paulo Moreira, como pode ser percebido através da Figura 17:

Figura 17: Tira produzida pelo cartunista paraibano Paulo Moreira

5 Leia esta tira produzida pelo cartunista paraibano Paulo Moreira.

A língua nas ruas

É muito provável que existam migrantes na região em que você mora, isto é, pessoas que tenham nascido e vivido em um local do país e, depois, se mudado para outra região. Em grupos, entrevistem uma dessas pessoas e perguntem quais palavras usadas por vocês não são comuns na região de origem dela e como ela falaria caso estivesse lá. Anotem essas palavras e depois as apresentem à turma.

Chama-se **adjetivo de dois gêneros** aquele cujas formas masculina e feminina são idênticas.

a) Qual é a situação retratada na tirinha?
b) Leia parte da definição do adjetivo *massa* em um dicionário.

adjetivo de dois gêneros
26 B, N.E.; *infrm.* Que atrai (diz-se de pessoa); muito bom
27 BA, MG; *infrm.* muito bom ou especial; bacana, excelente

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS DE LEXICOLOGIA (Org.). *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2018.

Além dos significados da palavra e de sua classe gramatical, que outras informações o dicionário apresenta?

c) Que gíria o personagem emprega para nomear seu interlocutor? Que gíria usou o personagem de Diogo Salles (tirinha da questão 4) com a mesma função?

d) Assim como o personagem de Diogo Salles, o de Paulo Moreira também emprega a expressão “tá ligado?”. Qual grupo social costuma usar essa expressão? **O grupo dos adolescentes e jovens.**

e) Com base nas tirinhas, é correto afirmar que um jovem paraibano e um jovem paulista não compartilham gírias, compartilham parte das gírias ou empregam as mesmas gírias?

[B] Brasil
[N.E.] Nordeste
[infrm.] informal
[MC] Minas Gerais
[BA] Bahia

5a. O personagem está tentando identificar, sem sucesso, um filme de que gostou.
5b. O dicionário informa que a palavra tem emprego informal, que seu uso é comum no Brasil e não em outros países de língua portuguesa, e que é mais comum na região Nordeste em geral, na Bahia e em Minas Gerais.
5c. O personagem da tira de Paulo Moreira empregou *doido*, e o de Salles, *véio*.
5e. Compartilham parte das gírias.

Notamos que o personagem da tirinha usa várias gírias. Essas expressões são um dos grandes aspectos de uma variedade linguística empregada por um determinado grupo social. Na atividade proposta, sugere-se que o leitor verifique as palavras usadas pelo personagem, tais como: “doido”, “massa”, “bicho” e “tá ligado?”. Destaca-se, também, que essas gírias variam a partir de estados diferentes, desse modo, apresenta ênfase na comparação entre paraibanos e paulistas (questão “e”).

Sendo assim, indica a possibilidade de o aluno verificar a que tipo de grupo o uso dessas expressões é comum, assim como refletir em que região é mais provável de essas palavras serem usadas, dando ênfase que podem haver diferenças entre os falares dos jovens, o que remonta também a aspectos de variação geográfica ou diatópica. Diante disso, compreende-se que essa proposta de atividade contribui de forma significativa para a aprendizagem do aluno, possibilitando-o compreender os fenômenos linguísticos existentes.

Assim, para além da variação social ou diastrática, encontramos no volume 6 uma exploração que poderia ter sido reservada para tratar da variação diamésica, como é possível se verificar a partir da subseção seguinte.

4.1.3 Variação diamésica

A variação diamésica é reconhecida nas diferentes maneiras de utilizar a língua em suas modalidades falada e escrita. Conforme Bagno (2007, p. 46), “Se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita. Na análise dessa variação é fundamental o conceito de gênero textual”.

Apesar de não apresentar um capítulo ou seção específica que aborde a variação diamésica, ao analisarmos os livros didáticos em questão, encontramos no volume 6 um capítulo que trata de diferenças entre as modalidades falada e escrita da língua. No capítulo 3 do referido volume, a seção *Mais da língua* trata sobre o fato de que escrever não é o mesmo que falar. Diante disso, são explorados exemplos dessas duas modalidades da língua, assim como apontamentos sobre o planejamento da fala e da escrita, o que pode ser remetido a aspectos inerentes à variação diamésica.

Nessa perspectiva, achamos necessário trazer essa seção para análise em vista de que notamos uma falta de aproveitamento por parte dos autores, pois eles poderiam ter aproveitado melhor esse capítulo para tratar da variação diamésica, uma vez que a variação diamésica pode ser reconhecida nas diferentes maneiras de utilizar a língua em suas modalidades falada e escrita. Nessa direção, encontramos uma tirinha de Calvin - Bill

Watterson, a qual trata das formas escrita e falada da língua portuguesa. Podemos verificar na Figura 18:

Figura 18: Tirinha Calvin- Bill Watterson

Escrever não é o mesmo que falar

Você já deve ter observado que as HQs se utilizam de imagens e da língua escrita para representar as falas dos personagens. As formas escrita e falada da língua têm semelhanças e diferenças. Este é o assunto desta seção.

- Pra começar

Convencer as crianças a comer certos alimentos nem sempre é fácil. Observe o que acontece entre Calvin e seu pai na tira a seguir. Depois, responda às questões.

Calvin

Bill Watterson

Bill Watterson. *Calvin e Haroldo*. Campinas/São Paulo: Cedibra, 1987. p. 7.

- Nos três primeiros quadrinhos, as expressões corporal e facial de Calvin demonstram qual sensação dele em relação aos alimentos que estão no prato? *A sensação de desconfiança em relação ao sabor da comida "desconhecida" que está no prato.*
- O pai quer convencer o menino a comer. Como sua expressão facial contribui para essa finalidade? *O pai mostra, com sua expressão facial, que a comida está muito gostosa.*
- No contexto da tirinha, a que se referem as palavras *isto* (primeiro quadrinho) e *eles* (quarto quadrinho)? *isto refere-se à comida que está no prato; eles, aos pais.*
- Calvin não experimenta a comida e afasta o prato com expressão de nojo. Considere a fala do menino no último quadrinho e explique essa atitude. *4. A fala de Calvin sugere que o menino já passou por experiências anteriores em que os pais não lhe explicaram o que era a comida e ele achou o gosto ruim. Essas experiências podem tê-lo levado a rejeitar o alimento antes mesmo de experimentá-lo.*

Na maior parte das tirinhas, são retratadas situações de conversação, nas quais o texto é criado coletivamente, por meio da interação. Nelas, gestos e expressões faciais expressam atitudes diversas, como irritação, rejeição e concordância, por exemplo. Além disso, complementam ideias e sentimentos expressos por meio de palavras, pois, nas conversas frente a frente, não é necessário dizer tudo. É possível, inclusive, apontar os objetos com as mãos ou com o olhar, como fez Calvin no primeiro quadrinho.

Fala aí!

Algumas pessoas apreciam mais a leitura de histórias em quadrinhos do que a leitura de outros textos. Em sua opinião, a linguagem dos quadrinhos é responsável por isso? Justifique.

Fonte: Livro *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* - volume 6 (2018, p. 90)

Notamos que, através da tirinha de Calvin, há uma espécie de espera que o aluno identifique a maneira que é construída uma tirinha, atentando-se que ela é formada por imagens e pela língua escrita para representar as falas dos personagens, de modo que compreenda que o texto de uma tira é criado coletivamente, apresentando a linguagem verbal e não verbal. Aponta-se, assim, aspectos inerentes à produção de um texto eminentemente escrito.

A seguir, na Figura 19, é apresentado pelos autores um texto de apoio com um conceito sobre a escrita e a fala. Vejamos:

Figura 19: Texto de apoio - Conceito sobre a escrita e a fala

Nem todas as situações que envolvem a fala são interações face a face e se constroem coletivamente, mas a maior parte dos recursos citados está presente também nos seminários, nas conversas telefônicas, nos programas de rádio etc. Já a escrita vale-se de recursos diferentes e envolve uma interação realizada a distância e com um determinado intervalo de tempo entre a escrita do texto e sua leitura.

A escrita e a fala são duas modalidades da língua. Existem particularidades que as diferenciam.

Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 6 (2018, p. 91)

Perante o exposto, a proposta dos autores é mostrar aos alunos que a língua falada e escrita são duas modalidades da língua, que apresentam particularidades que se diferenciam. Sendo assim, é necessária uma atenção especial para todos os recursos apresentados nos processos de interações, podendo existir uma variação no modo de emitir os enunciados.

Outra proposta inserida neste capítulo, é a leitura da transcrição de uma parte da entrevista concedida pelo animador brasileiro Leo Santos, da Disney/Pixar, ao jornalista Paulo Gustavo Pereira, editor-chefe da BESTV, a respeito do filme *Divertida Mente*. A proposta está apresentada na figura 20:

Figura 20: Transcrição de parte de uma entrevista concedida pelo animador brasileiro Leo Santos, da Disney/Pixar, ao jornalista Paulo Gustavo Pereira, editor-chefe da BESTV

O planejamento da fala e da escrita

O trecho a seguir é a transcrição de parte de uma entrevista concedida pelo animador brasileiro Leo Santos, da Disney/Pixar, ao jornalista Paulo Gustavo Pereira, editor-chefe da BESTV, a respeito do filme *Divertida Mente*.

[...]

Paulo Gustavo Pereira: O que que foi mais di... mais interessante, mais divertido fazer no *Divertida Mente*?

Leo Santos: Eu, eu sempre quis fazer esse filme por causa... basicamente por causa do estilo. Eu gosto do diretor pra caramba. Ele tem um estilo que eu gosto, que é animação dos anos 50, música de jazz e tudo mais... Então, ele traz esse, essa, esse sabor para os filmes dele, que são o *Monstros S.A.* e o *Up!* E... eu sempre gostei muito, então eu, tipo assim, assim que me deram a opção de escolher qual filme que eu ia fazer, eu falei "Eu quero aquele filme".

PGP: Te deram a opção?

LS: Sim, sim, sim.

PGP: Os caras falaram "Oh, vem cá! Você é do Brasil. Pode escolher o que você quiser"?

LS: Porque tem... é... é... tem muitos filmes em produção agora. Assim... tipo... tem o *Bom dinossauro*, tem o *Procurando Nemo*. Então... tipo... nesse caso aqui apareceu a oportunidade: "Qual é o próximo que você quer fazer?". Ai eu falei: "Eu quero trabalhar nesse aqui porque é... é... é a minha praia, assim...".

[...]

Transcrição de vídeo de entrevista com Leo Santos, animador da Disney/Pixar: de 1:37 a 2:20. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FR-Dp43hEGQ>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

Peça à turma que faça a leitura silenciosa para observar as marcas usadas na transcrição. As questões podem ser respondidas de modo oral e coletivo.

As transcrições procuram reproduzir as características da fala, por isso no texto são anotadas as pausas, as repetições, os sons alongados, as palavras ou orações que ficaram incompletas etc.

Situações de interação face a face, com troca de turnos, costumemente exigem um planejamento mais acelerado e podem resultar em um monitoramento imperfeito da língua. Se achar conveniente, comente isso com os alunos, apontando eventuais desvios em relação ao uso recomendado.

91

Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 6 (2018, p. 91)

Ao fazer a leitura da transcrição, aparentemente, espera-se que os alunos observem as marcas de oralidade usadas na transcrição, pois é a partir da identificação das marcas de oralidade que os alunos irão compreender as características da fala, tais como: as pausas, as repetições, os sons alongados, as palavras ou orações que ficaram incompletas, etc. Nessa perspectiva, é fundamental que os alunos reflitam sobre as situações de interação face a face, nas quais há troca de turnos, o que vai exigir um planejamento mais acelerado, podendo haver assim um menor monitoramento da língua.

Posteriormente, encontramos uma cena da animação *Divertida Mente*, direção de Pete Docter, EUA, 2015. Além dessa cena, é proposta uma atividade reflexiva sobre as situações de fala. Podemos verificar nas Figuras 21 e 22 a seguir:

Figura 21: Cena da animação *Divertida Mente* e proposta de atividade



Cena da animação *Divertida Mente*, direção de Pete Docter, EUA, 2015.

1 Releia um trecho da resposta do entrevistado.
 “Eu, eu sempre quis fazer esse filme por causa... basicamente por causa do estilo”.
 Por que há uma pausa indicada pelas reticências nessa fala?
 A pausa, provavelmente, indica que o entrevistado estava pensando no que iria dizer na sequência.

2 Releia este outro trecho:
 “Então, ele traz esse, essa, esse sabor para os filmes dele, que são o *Monstros S.A.* e o *Up!*”.
 Como você explicaria a sequência “esse, essa, esse”?

Investigue em ARTE
 Em que consiste a profissão de um animador?

O animador é o profissional que cria uma sequência de imagens que dão a ilusão de movimento: as animações. Costuma produzir obras para cinema e televisão, bem como para *videogames*. Alguns animadores iniciam o trabalho no papel e passam para o computador na fase de finalização; outros usam apenas o computador. Atualmente, são raros os animadores que usam apenas o papel.

2. O falante parece ainda estar buscando a palavra que usará na sequência, daí a dúvida quanto ao uso do pronome flexionado no gênero masculino ou no feminino.

Fonte: Livro *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* - volume 6 (2018, p. 92)

É proposto que o aluno releia um trecho da entrevista apresentada anteriormente e, como atividade, o aluno deverá analisar a fala do entrevistado. Essa proposta de atividade é uma excelente maneira de levar o aluno a refletir sobre as duas modalidades da língua, a língua falada e a escrita, em vista disso, a atividade contribui para o entendimento de que as duas modalidades são diferentes e tem suas particularidades. Sendo assim, espera-se que o aluno compreenda que todas as pausas e repetições de palavras identificadas na fala do entrevistado fazem parte do processo da língua falada, uma vez que se trata de interação imediata. Em vista disso, as pausas e repetições de palavras fazem parte do processo de construção das ideias que irão ser ditas logo na sequência da fala.

Dando continuidade com a análise, encontramos um texto de apoio sobre as particularidades que diferenciam a língua escrita da língua falada. O referido texto encontra-se na Figura 22 abaixo:

Figura 22: Texto de apoio sobre as particularidades que diferenciam a língua escrita da língua falada

Nas interações imediatas – bate-papo, entrevista, conversa telefônica etc. –, os falantes precisam construir sua fala rapidamente porque o interlocutor está esperando para tomar para si o **turno conversacional**, isto é, para começar a perguntar, a responder ou a apresentar novas ideias.

O planejamento da fala conta com um tempo bem pequeno, ou seja, o falante não pode demorar muito para construir seu texto. Como consequência, as falas são marcadas por hesitações, repetições, pausas e correções, pois o falante está procurando a maneira mais eficiente de comunicar suas ideias. Essas são **marcas** típicas da oralidade.

Já nas situações de escrita, o leitor não tem acesso ao processo de formulação do texto. Quem o escreve pode corrigir aquilo que não ficou claro, eliminar repetições, reorganizar a ordem das palavras, entre outras intervenções, e o texto só será lido quando o autor estiver satisfeito com a maneira como expressou suas ideias. Há, na escrita, um tempo maior de planejamento. Observe uma sugestão de como poderia ser escrita a terceira resposta do entrevistado no trecho transcrito:

Há muitos filmes em produção agora: o Bom dinossauro, o Procurando Nemo. Assim apareceu a oportunidade. Perguntaram-me: "Qual é o próximo que você quer fazer?". Eu respondi que trabalharia nesse porque era a "minha praia".

Essa diferença não significa, contudo, que a modalidade oral seja mais descontraída que a escrita e vice-versa. Algumas situações de fala são **formais** e exigem um uso cuidadoso da linguagem, com vocabulário mais preciso, frases mais complexas e maior monitoramento em relação ao uso das variedades urbanas de prestígio. Por outro lado, há situações de escrita **informais**, em que se nota um uso mais descontraído da língua.

Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 6 (2018, p. 92)

O texto de apoio possibilita ao aluno a compreensão sobre as particularidades que existem entre a língua escrita e a língua falada, assim como possibilita atentar-se para o fato de que essas modalidades se diferenciam. Busca-se despertar a consciência do aluno que as duas modalidades de língua são produzidas, principalmente, por diferentes tempos de planejamento e formas de interação.

Diante disso, o aluno deve compreender que há interações imediatas, em que o planejamento da fala conta com um tempo bem pequeno, no qual geralmente apresenta as marcas típicas da oralidade, e existem as situações de escrita, em que, no geral, há um tempo maior de planejamento e um maior monitoramento da língua, que é mais comum nas situações de comunicação formais. Portanto, é fundamental o professor ressaltar que essa diferença não significa, contudo, que a modalidade oral seja mais descontraída que a escrita e vice-versa, pois o uso das duas vai depender do contexto comunicativo, assim como o monitoramento e o grau de formalidade empregado são determinados pelos propósitos comunicativos.

Nessa perspectiva, de acordo com Bagno (2007) existe uma falsa visão dicotômica que separa a língua falada da língua escrita. Diante disso, cria-se uma noção de separação entre as duas modalidades, em que apontam como se fossem modalidades totalmente diferentes. O que ocorre, na verdade, é que essas modalidades ocorrem simultaneamente e encontram-se disponíveis para a utilização dos usuários de dada língua, a depender da situação vivenciada.

Na Figura 23, temos um texto de apoio sobre o uso da língua falada e da língua escrita, o qual possibilita que o aluno reflita e compreenda as diferenças e semelhanças entre as duas modalidades da língua.

Figura 23: Texto de apoio sobre o uso da língua falada e da língua escrita

Observe alguns exemplos de uso da língua falada e da língua escrita na tabela a seguir e reflita sobre suas diferenças e semelhanças.

	Língua falada	Língua escrita
Informal	Bate-papo presencial <ul style="list-style-type: none"> • Troca rápida dos papéis de falante e de ouvinte • Fala produzida no momento da conversa, sem planejamento • Uso descontraído da língua 	Troca de mensagens entre amigos pelo celular <ul style="list-style-type: none"> • Troca rápida dos papéis de quem envia e de quem recebe as mensagens • Planejamento rápido • Uso descontraído da língua
Mais ou menos formal	Entrevista com personalidade da política <ul style="list-style-type: none"> • Troca constante dos papéis de falante e de ouvinte • Fala produzida no momento da conversa, sem planejamento • Uso monitorado da língua 	Letra de música popular <ul style="list-style-type: none"> • Produção do texto sem interação com o leitor/ouvinte • Planejamento longo • Uso descontraído da língua
Formal	Palestra para profissionais da saúde <ul style="list-style-type: none"> • Texto produzido pelo palestrante sem interrupção • Fala produzida no momento da interação, com planejamento anterior • Uso monitorado da língua 	Reportagem sobre economia <ul style="list-style-type: none"> • Texto produzido sem interação com o leitor • Planejamento longo • Uso monitorado da língua

Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 6 (2018, p. 93)

Vemos no texto de apoio proposto pelos autores do livro uma oportunidade para que os alunos, através da observação de alguns exemplos, possam verificar e refletir sobre as diferenças e semelhanças do uso da língua falada e da língua escrita. Espera-se que o aluno reflita sobre os diferentes graus de monitoramento de uso da língua, e especialmente ao fato de que, independente da modalidade empreendida, poderá haver textos mais ou menos formais, especialmente com vistas aos diferentes gêneros textuais que podem ser produzidos.

Conforme Bagno (2007), é fundamental conhecer as particularidades que diferenciam a língua falada e a língua escrita, para que não se propague o preconceito contra a língua falada, uma vez que se cria uma visão dicotômica. Diante disso:

[...] dessa visão dicotômica nasceu o preconceito contra a língua falada, considerada ilógica, caótica e sem gramática, e a supervalorização da escrita, considerada a única forma correta de uso da língua. A supervalorização da escrita e a desvalorização da fala fizeram surgir, no ensino, algumas noções completamente equivocadas acerca da relação entre as duas modalidades de uso da língua. Uma dessas noções é a que é preciso evitar as “marcas da oralidade” nos textos escritos, que não se pode “falar como se escreve”, sem levar em conta que o conceito realmente importante neste caso é o de **gênero textual**. (BAGNO, 2007, p. 180, grifo do autor).

É importante refletir sobre o uso da linguagem, pois contribui para a compreensão da variação linguística. E, assim, é possível desmistificar alguns paradigmas e mitos criados sobre as variedades linguísticas. Outro exemplo inserido nesse capítulo do volume 6 é a proposta de uma transcrição de um trecho de reportagem da TV Cultura do Pará sobre a participação da equipe paraense no 9º Campeonato Brasileiro de Kung Fu e no 10th Hong Kong International Wushu Competition 2015, mostrada na Figura 24:

Figura 24: Transcrição de um trecho de reportagem da TV Cultura do Pará

<p>3 Leia agora a transcrição de um trecho de reportagem da TV Cultura do Pará sobre a participação da equipe paraense no 9º Campeonato Brasileiro de <i>Kung Fu</i> e no 10th Hong Kong International Wushu Competition 2015.</p> <p>[Repórter em off] Uma paixão que saiu das telinhas para a vida real. Cada vez mais o <i>kung fu</i> vai ganhando espaço aqui no estado. Em 2012, surgiu a primeira liga paraense da modalidade. Mas você sabe o que é essa arte marcial chinesa? Quem explica é o professor Pablo.</p> <p>[Pablo Silva] O principal objetivo do <i>kung fu</i> é o autocontrole e o autoconhecimento. Se você se conhece, se você sabe... é... é... pra onde movimentar e como movimentar o seu corpo, você tem completo controle sobre o oponente, sobre o inimigo... É uma arte marcial que d... d... é... é... enfatiza a defesa pessoal, mas o principal objetivo é se autoconhecer.</p> <p>[Repórter em off] Os movimentos do <i>kung fu</i> chamam a atenção, assim como a possibilidade de servir como técnica de defesa pessoal. Mas praticar essa arte marcial milenar requer muita atenção, esforço e muita dedicação.</p> <p>[Pablo Silva] O <i>kung fu</i> tá dividido em duas vertentes, né? O tradicional e o moderno. O moderno é... é o que tá sendo mais divulgado na mídia. Tem muitos saltos, lutas... é... é... com muitas acrobacias, né?, e isso chama muito a atenção dos jovens, né? Veem que podem executar esses movimentos mais acrobáticos e acabam vindo pra academia buscando isso.</p> <p>[...]</p> <p>Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z8raZG9aRs4>. Acesso em: 13 jun. 2018.</p>	<p>Situações de interação face a face, com troca de turnos, costumadamente exigem um planejamento mais acelerado e podem resultar em um monitoramento imperfeito da língua. Se achar conveniente, comente isso com os alunos, apontando eventuais desvios em relação ao uso recomendado. Mencione também que nenhum falante deve ser censurado em razão da variedade linguística que emprega, mas é interessante que possa se apropriar de construções mais adequadas a situações de fala formais. Essa discussão foi iniciada no volume do 6º ano e deve ser retomada sempre que for oportuno.</p> <p>Aproveite a correção para avaliar a aprendizagem da segmentação de frases e para verificar como o recurso expressivo (as reticências) foi relacionado ao sentido produzido pelo texto.</p>
--	---

Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 6 (2018, p. 95)

Por meio da leitura da transcrição de um trecho de reportagem da TV Cultura do Pará, espera-se que o aluno reflita sobre as diferenças da língua falada e da língua escrita, assim como o monitoramento da língua. Destaca-se que, na situação de fala da repórter, ela possivelmente teve a oportunidade de planejar e refazer sua fala, seguindo um script

pré-definido; por outro lado, o entrevistado, certamente, teve acesso às perguntas que se colocaram para ele somente no momento da interação, o que ocasionou um planejamento “ao vivo” da fala.

Além dessa transcrição, é proposta uma atividade que contribui para a identificação desses aspectos inerentes ao texto oral. A referida atividade encontra-se na Figura 25:

Figura 25: Proposta de atividade

- b) Releia as duas falas do professor entrevistado na reportagem. Quais marcas de oralidade você percebeu? Cite algumas delas.
 - c) Nas falas da apresentadora do jornal, não é possível identificar marcas típicas da oralidade, como acontece nas do entrevistado. Como explicar essa diferença? Para responder, considere que a reportagem é gravada, não é apresentada ao vivo.
 - d) O uso da expressão *aqui no estado*, presente no texto, dificulta a identificação do lugar a que se refere a reportagem? Por quê?

Fonte: Livro *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* - volume 6 (2018, p. 96)

A proposta de atividade questão “b” possibilita que o aluno releia as falas do professor entrevistado na reportagem e identifique as marcas de oralidade presentes durante esse diálogo. Provavelmente, tem-se como intuito fazer com que o aluno mais uma vez reflita sobre o uso da linguagem nas diferentes situações de fala. Através da análise da fala do professor entrevistado, o aluno poderá identificar os marcadores conversacionais de diálogos orais.

Prosseguindo com a mesma atividade (questão “c”), o aluno é convidado a analisar a diferença entre a fala do entrevistado e da apresentadora. Desse modo, espera-se que o aluno identifique que nas falas da apresentadora do jornal não é possível identificar tantas marcas típicas da oralidade, como acontece nas do entrevistado. Portanto, cabe ao professor despertar no aluno a atenção para o fato de que a reportagem, geralmente, os apresentadores podem fazer a leitura de textos, ao contrário do entrevistado que fala de maneira espontânea. Por isso, há poucas marcas de oralidade no discurso da apresentadora. Sendo assim, possivelmente a apresentadora teve um tempo para planejar sua fala até que ficasse de forma satisfatória para a determinada situação.

Todos esses aspectos, apesar de não terem sido destacados de maneira explícita como inerentes à variação diamésica pelos livros didáticos em análise, remetem a esse tipo de

variação linguística. Em vista disso, o fato de ser implícita tem implicações, pois remete a um “quase apagamento” da variação diamésica.

Por ser assim, certamente, apresenta-se como uma oportunidade para que o professor, ampliando o material didático de que faz uso, destaque em suas aulas as particularidades das modalidades falada e escrita da língua, destacando-se os diferentes graus de formalidade (o que remete também à variação estilística ou diafásica) que podem estar presentes em ambas a depender dos propósitos e da situação comunicativa do falante.

Prosseguindo com a análise, para além da variação diamésica, encontramos exemplos que exploram a variação diafásica ou estilística, como é possível se verificar a partir da subseção seguinte.

4.1.4 Variação estilística ou diafásica

De modo a prosseguir com a análise de nossos dados, enfatizamos, nesta subseção, evidências que demonstram a abordagem da variação diafásica ou estilística. A variação diafásica ou estilística remete ao contexto e às interações. Em vista disso, os falantes alternam seu estilo de fala de acordo com a situação em que se encontram, podendo ter um grau de monitoramento maior ou menor, visto que há situações em que existe um emprego mais formal da língua e outras um uso menos informal.

Bortoni-Ricardo (2004) afirma que:

Nós nos engajamos em estilos monitorados quando a situação assim exige, seja porque nosso interlocutor é poderoso ou tem ascendência sobre nós, seja porque precisamos causar uma boa impressão ou ainda porque o assunto requer um tratamento muito cerimonioso (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 62-63).

Assim, requer do falante um maior ou menor planejamento e atenção ao se comunicar a depender do seu contexto comunicativo. Nesse tipo de variação, há alguns fatores que contribuem para o monitoramento estilístico, tais como: o ambiente, o interlocutor e o tópico de conversa. A variação diafásica ou estilística é explorada, já no volume 6 da coleção, a partir de textos como o demonstrado na Figura 26.

Figura 26: Ilustrações sobre as possíveis particularidades da linguagem nas várias situações de comunicação



Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 6 (2018, p. 64)

A Figura 26 remete a um claro exemplo de variação diafásica ou estilística. O usuário difere o emprego da língua a depender do contexto em que se encontra. É notório que existe uma diferença entre as várias situações de comunicação, a depender do contexto de fala em que o usuário da língua esteja inserido. Diante disso, os autores desse livro didático buscaram mostrar a partir dessa ilustração que se pode fazer o uso da língua mais formal ou menos formal dependendo da escolha vocabular do falante, do contexto e situação. Nessa perspectiva, conforme Bortoni-Ricardo (2005):

A escolha de determinado grau de formalidade na fala depende basicamente do papel social que o falante desempenha a cada ato de interação verbal. Já se verificou que as sociedades variam quanto à amplitude e fluidez da gama de papéis sociais à disposição do indivíduo. Em qualquer circunstância, porém, há pelo menos três fatores determinantes dessa seleção: os participantes da interação, o tópico da conversa e o local onde ela se processa. O falante ajusta sua linguagem, variando de um estilo informal para um estilo cerimonioso, a fim de se acomodar aos tipos específicos de situações (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 24-25).

Nessa perspectiva, a variação diafásica ou estilística é estabelecida em função do contexto comunicativo. Desse modo, compreende-se que a ocasião é o que irá determinar a maneira como nos comunicamos com o nosso interlocutor, podendo empregar o uso da língua formal ou informal, aplicando um grau de monitoramento ao estilo da linguagem. Exemplo também desse tipo de variação linguística é a encontrada no cartum a seguir, figura 27:

Figura 27: Cartum do ilustrador paulista Roberto Kroll



Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 6 (2018, p. 65)

Neste caso, a cartum demonstra uma “inadequação” no monitoramento realizado pelo personagem, tendo em vista que o contexto de praia pede um menor monitoramento. Isso implica, certamente, no estranhamento ao se deparar com expressões como “belos movimentos elípticos”, “mais tardiamente” e conjugação verbal com pronome oblíquo átono no futuro do presente do indicativo.

A partir desse cartum, os autores do livro didático buscaram mostrar que a maneira de falar do personagem, assim como a forma de se vestir, não estão de acordo com a situação comunicativa. Isso porque o modo de falar empregado pelo homem e suas vestimentas atribuem um grau maior de formalidade, o qual torna-se inadequado para a situação em que ele se encontra. Percebe-se que o personagem fez escolhas lexicais muito formais, as quais não são comuns se serem empregadas diante daquele contexto, como também não é frequente o uso de terno para ir à praia. Por isso, é notório o estranhamento na face do outro personagem.

Sendo assim, compreende-se que nem sempre o emprego muito formal da língua é adequado, pois pode ser visto com estranhamento. Cabe ao falante adequar o uso conforme a situação comunicativa. Conforme Bagno (2007, p. 45), “O monitoramento estilístico é uma escala contínua, que vai do grau mínimo ao grau máximo [...]”.

Perante o exposto, podemos dizer que o cartum faz uma abordagem da variação estilística, pois sabemos que o nosso modo de falar varia conforme a situação de interação e o de monitoramento estilístico, portanto cabe ao falante atentar-se cuidadosamente para ter um controle e um planejamento de sua fala e atitudes. Podemos perceber que não houve esse

monitoramento por parte do homem nesse cartum, visto que ele, nessa situação, poderia ter evitado usar certas palavras, atentando-se para sua postura estilística e física. Portanto, apresenta-se expressões usadas tranquilamente em nosso tempo, porém, com altíssimo grau de formalidade.

Diante disso, segundo Bortoni-Ricardo (2004) a variação linguística é intrínseca à comunidade linguística:

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal. O que estamos querendo dizer é que, em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas. [...] Em um ou outro caso, porém, sempre haverá variação de linguagem nos domínios sociais. O grau dessa variação será maior em alguns domínios do que em outros. Por exemplo, no domínio do lar ou das atividades de lazer, observamos mais variação linguística do que na escola ou na igreja. Mas em todos eles há variação, porque a variação é inerente à própria comunidade linguística. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 25).

Continuando a análise dessa coleção, verificamos que no volume 7, especificamente, o capítulo 1 “Notícia: O registro do cotidiano”, a seção *Se eu quiser aprender mais*, aborda aspectos relativos à fala em situações públicas e ao grau de formalidade. A seção traz trechos de transcrições de fala pública para mostrar aos alunos as marcas de oralidade, assim como destacar o modo como devemos nos apropriar de construções mais adequadas a situações de fala formal, isso sem desvalorizar as variedades linguísticas empregadas pelas pessoas.

Figura 28: Trecho de Notícia produzida ao vivo

<p>1 Leia um trecho da notícia a seguir, produzida ao vivo.</p>	
<p>Aeroporto de Fortaleza registra aumento de turistas para o feriado na capital</p>	
<p>Tais Lopes: Vamos falar de turismo agora? Olha, muitas pessoas devem vir a Fortaleza nos próximos dias para curtir um feriadão. Cerca de 70 MIL turistas são esperados. E é pra lá... pra... pra pra o aeroporto de Fortaleza que a gente vai agora conversar com a Lívia Baral ao vivo.</p> <p>Leal Mota Filho: Oi, Lívia, como é que tá a movimentação por aí agora, hein?</p> <p>Lívia Baral: Oi, Leal, muito bom dia novamente pra você. Bom dia, Tais. Bom dia a todos que estão ligando a TV agora. A movimentação tá tranquila, desde a última vez que nos falamos aqui no jornal. Teve um fluxo maior, alguns turistas chegaaando, os parentes aqui também esperando, mas neste momento tá tranquilo. Como eu disse pra vocês, uma média aí desde o dia... 10, até o dia 16, de 29... éé... 29 voos extras aqui para esse período do feriado. Ééé... isso corresponde a 144 mil novos assentos disponíveis pra esses turistas, e, de acordo com a Secretaria de Turismo, como vocês disseram, 70 mil novos turistas devem visitar a nossa região. Então, a movimentação por enquanto tá... tá tranquila. Eu conversei aqui com alguns turistas, ééé... e a maioria deles veio realmente visitar a nossa... a... os nossos pontos turísticos, as nossas belezas naturais, as nossas praias. Ééé... com relação à rede hoteleira, a gente tem aí uma ocupação de 97%, e isso é... 70% desses ocupantes, é... e vieram para um congresso de Pediatria, e os demais, para visitar as nossas belezas nacio... as... belezas naturais, a nossa região. Aproveito para desejar aí um feliz feriado pra todo mundo e pra vocês, Leal e Tais. Volto com vocês aí no estúdio.</p> <p>Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/videos/t/todos-os-videos/v/aeroporto-de-fortaleza-registra-aumento-de-turistas-para-o-feriado-na-capital/6209707/>. Acesso em: 24 ago. 2018.</p>	<p>Situação de interação face a face, com troca de turnos, costumeiramente exigem um planejamento mais acelerado e podem resultar em um monitoramento imperfeito da língua. Se achar conveniente, comente isso com os alunos, apontando eventuais desvios em relação ao uso recomendado. Mencione também que nenhum falante deve ser censurado em razão da variedade linguística que emprega, mas é interessante que possa se apropriar de construções mais adequadas a situações de fala formais. Essa discussão foi iniciada no volume do 6º ano e deve ser retomada sempre que for oportuno.</p>

Fonte: Livro *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* - volume 7 (2018, p. 26)

É apresentado um trecho de uma notícia para discutir sobre as possíveis maneiras de diálogos que podem existir em uma fala de situação pública, na qual o grau de formalidade vai depender bastante do grau de monitoramento, assim como o tempo de preparação para determinada comunicação. Dessa forma, pode haver utilização de uma linguagem mais formal ou menos formal, a depender do contexto de comunicação. Para exploração desse texto, o livro didático apresenta a seguinte atividade:

Figura 29: Atividade sobre a notícia

<p>a) Como os âncoras anunciam a entrada da repórter?</p> <p>b) Transcreva dois exemplos de palavras que evidenciam que os âncoras e a repórter estão dialogando. 1b. Sugestões: "Oi"; "olha"</p> <p>c) Quais palavras ou expressões indicam ao público que a repórter dá continuidade a algo que já havia exposto?</p> <p>d) A fala de Livia contém mais marcas de oralidade e é menos fluente do que a da repórter Viviane Abreu, que tratou do terremoto na Bolívia (Leitura 2). O que pode explicar a maior organização na fala de Viviane?</p>	<p>1a. A jornalista avisa que irão conversar com a repórter, que está no aeroporto, e o jornalista a cumprimenta e pergunta como está a movimentação no local.</p> <p>1c. "Novamente", "desde a última vez que nos falamos aqui no jornal" e "como eu disse pra vocês".</p> <p>1d. A notícia sobre o terremoto não foi produzida ao vivo, então a repórter Viviane Abreu teve tempo de planejar a fala e pode tê-la refletido até considerá-la boa.</p>
--	--

Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 7 (2018, p. 27)

A atividade (questões "b", "c" e "d") solicita que o aluno analise como ocorre o processo das falas apresentadas durante uma notícia, atentando-se para o aspecto do grau de formalidade, assim como para as marcas de oralidade presentes nas falas das repórteres. Em vista disso, a partir da questão "d", espera-se que o aluno identifique que existe uma diferença entre as duas falas, devido ao fato de uma delas ter tido tempo suficiente para organizar sua fala, desse modo, podendo planejá-la e refazê-la, já que não foi transmitida ao vivo. Sendo assim, o livro didático quer levar o aluno a compreender a explicitude da organização de uma fala (leitura 2) apresentada anteriormente no livro didático e a que está explorada nessa questão específica. Vale destacar que esse é um bom exemplo para trabalhar as variedades linguísticas, visto que é apresentado um de uso real da língua, em detrimento de outros textos que já apareceram ao longo da presente análise, que são textos fictícios.

Geralmente, os diálogos em situação pública apresentam um grau de monitoramento menor, pois não temos tempo suficiente para preparar a fala de maneira mais formal. Diante disso, Bortoni-Ricardo (2004, p. 73) ressalta que: "Quando faz uso da língua, o falante não só aplica as regras para obter sentenças bem formadas, mas também faz uso de normas de adequação definidas em sua cultura. São essas normas que lhe dizem quando e como monitorar seu estilo".

Prosseguindo, notamos que o volume 8, precisamente o capítulo 3, “Regulamento e estatuto: uma necessária orientação”, na seção *Mais da língua: A regência Na prática*, apresenta uma abordagem sobre norma-padrão e grau de formalidade, conforme demonstrado a seguir:

Figura 30: Ilustração produzida pela desenhista cearense Natália Matos

5a. Os dois-pontos e o parêntese foram combinados para reproduzir um sorriso, seguindo um código comum na internet.

5b. *Besta* significa “banal”, “sem importância”, e tem uso informal.

5c. O desvio ocorre na forma verbal *lembra*, que pode ser construída de duas formas: acompanhada de pronome e da proposição *de* (*se lembra de algo*) ou como VTD, sem o pronome (*lembra algo*).

5 Esta ilustração foi produzida pela desenhista cearense Natália Matos. Analise-a e responda às questões.

- Como se explicam os sinais de pontuação usados no final do período?
- Que sentido deve ser atribuído à palavra *besta* nesse contexto? Trata-se de um emprego formal?
- A regência de uma das formas verbais do texto não está de acordo com a norma-padrão. Identifique essa forma e explique qual foi o desvio.
- Esse uso é inadequado no contexto dessa produção? Não. Trata-se de uma situação de comunicação informal, que está empregando uma forma corrente no português coloquial do Brasil.



Fonte: Livro *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*- volume 8 (2018, p. 117)

Nesse caso, como é possível visualizar na Figura 30, há a apresentação de uma ilustração produzida pela desenhista cearense Natália Matos e um exercício para analisar os aspectos referentes ao emprego de palavras presentes. Observamos no exercício que as alternativas “a”, “b” e “d”, possivelmente, contribuem para que os alunos possam compreender os diferentes empregos de linguagem utilizados durante uma comunicação, podendo fazer o uso formal ou informal a depender do contexto de comunicação. A ilustração nos comprova esse fato por apresentar uma situação que indaga a respeito da linguagem empregada, a qual faz parte de uma comunicação informal, em que expõe uma forma recorrente no português coloquial do Brasil.

Explorados os exemplos que indicam a abordagem dos livros didáticos para a variação diafásica ou estilística, passamos à observação sobre o modo como tais materiais indicam um trabalho acerca da variação diacrônica ou histórica.

4.1.5 Variação diacrônica ou histórica

Diante das discussões sobre variação linguística, os livros didáticos da coleção *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* também apresentam aspectos que tratam

sobre a variação diacrônica ou histórica. Conforme Bagno (2007), esse tipo de variação pode ser verificado a partir da comparação entre diferentes etapas e desenvolvimento da história de uma língua, ou seja, o tempo passa e a linguagem também muda. É esse trabalho que podemos observar no volume 6 da coleção, conforme demonstrado a seguir:

Figura 31: Anúncio de creme dental divulgado nos anos 1940

1 Veja um anúncio de creme dental divulgado nos anos 1940. Ele exemplifica a variação histórica da língua, ou seja, as mudanças que ocorrem com a passagem do tempo.

REPRODUÇÃO



a) Que termo também era usado naquela época para *creme dental*? *Dentifrício.*

b) Identifique no anúncio as palavras que antigamente eram escritas de maneira diferente da de hoje e atualize-as. *Dentifrício, econômico, centímetro, seca.*

c) Que qualidades do produto foram destacadas? *O anúncio destacou a qualidade de limpar e dar brilho aos dentes com pouco gasto do produto.*

d) Esse anúncio revela que a passagem do tempo não altera apenas a língua. Que outros aspectos também sofreram mudança?
A imagem do anúncio mostra diferenças nos tipos de roupa, penteado e maquiagem usados pela modelo, além de destacar a questão da economia, um aspecto que não é mais explorado nos anúncios desse tipo de produto.

66

Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 6 (2018, p. 66)

Como é possível perceber a partir da Figura 31, encontramos um exemplo de variação diacrônica ou histórica a partir da apresentação de um anúncio que remete à divulgação de um creme dental na década de 1940. As questões propositadas para resolução solicitam ao aluno a análise de palavras presentes no anúncio, de modo a levá-lo a identificar as diferenças entre a maneira que as palavras eram escritas naquela época e a forma empregada na atualidade (conforme questões “a” e “b”).

Por consequência, essa atividade parece propor que o aluno reflita em relação às palavras que se alteram com o passar dos tempos, ou seja, a língua muda de acordo com a história, assim como acontece com outros aspectos, tais como: vestimentas, maquiagem, questão da economia, entre outros. Além desse exemplo, a variação diacrônica ou histórica é

explorada no volume 9 da coleção, através de trecho da carta de Pero Vaz de Caminha, como indicado a seguir na figura 32:

Figura 32: Trecho da carta de Pero Vaz de Caminha

O português brasileiro

O trecho a seguir foi copiado da carta que o escrivão Pero Vaz de Caminha enviou ao rei D. Manuel, de Portugal, contando sobre os primeiros contatos dos portugueses com os nativos do território brasileiro "recém-descoberto".

.....

Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, **fartéis**, mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada daquilo; e, se alguma coisa provaram, logo a lançaram fora.

Trouxeram-lhes vinho numa taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes a água em uma **albarrada**. Não beberam. Mal a tomaram na boca, que lavaram, e logo a lançaram fora.

Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que **lhas** dessem, **folgou** muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do Capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo.

Isto tomávamos nós assim por assim o desejarmos. Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não o queríamos nós entender, porque não **lho** havíamos de dar. E depois tornou as contas a quem lhas dera.

BRASIL. Ministério da Cultura. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf>. Acesso em: 5 set. 2018.

.....



Fartéis: doces.
Albarrada: jarro.
Lhas: lhe + as.
Folgou: brincou, divertiu-se.
Lho: lhe + o.

Fonte: Livro *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 9* (2018, p. 31)

Como ilustrado na Figura 32, o volume 9 traz um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha, que indica uma possibilidade para que os alunos examinem a formação da língua portuguesa, bem como o processo de transformação por que passou o português brasileiro. Possivelmente, coloca o aluno a compreender de maneira mais atenta os diversos fatores que influenciaram no processo de formação da língua usada, assim como possibilita a reflexão sobre variedades distintas existentes entre o português falado pelos brasileiros e pelos portugueses.

Conforme nos afirma Bagno (2007, p. 164):

Por mais que isso pareça óbvio, vale a pena repetir: **toda língua muda com o tempo**. Basta a gente comparar um texto escrito em português na Idade Média, ou em 1600 ou mesmo há cem anos atrás com qualquer coisa publicada nos dias de hoje. As diferenças saltam aos olhos, e as dificuldades de compreensão vão crescendo quanto mais a gente recua no tempo (BAGNO, 2007, p. 164, grifo do autor).

Conseqüentemente, sabe-se que a variação histórica se refere às palavras que caem em desuso pelos falantes em decorrência da passagem do tempo. Sendo assim, a língua sempre vai sofrer variação e passar por processo de mudança, uma vez que tudo no universo passa por

mudanças. Esse aspecto ainda é explorado no volume 9 da coleção dos livros didáticos a partir de um anúncio datado de 1918, como apresentado na Figura 33.

Figura 33: Anúncio de 1918



Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 9 (2018, p. 34)

Podemos observar que, por meio deste anúncio de 1918, buscou-se discutir sobre um dos fatores responsáveis pela variação da língua, que é o fator histórico. Para apresentar esse fator, espera-se que o leitor verifique as transformações por que a língua já passou. Portanto, é proposto que o leitor verifique este anúncio para que possivelmente possa compreender que a língua ao longo do tempo se transforma, o que faz com que algumas palavras sejam abandonadas e outras sejam introduzidas ou modificadas no vocabulário.

Verificamos exemplos dos livros didáticos que tratam da variação diacrônica ou histórica. Passamos à observação sobre o modo como tais materiais indicam um trabalho acerca do preconceito linguístico.

4.2 Abordagem do preconceito linguístico

Nesta seção, analisamos as propostas de trabalhos trazidas pelos livros didáticos da coleção *Se língua na língua: leitura, produção de texto e linguagem* com relação ao preconceito linguístico. Como discutido por Bagno (2015), para combater com o círculo vicioso do preconceito linguístico, é fundamental desfazer alguns hábitos, dessa maneira, um dos modos é reavaliar a noção de “erro”.

Sendo assim, estabelecemos duas subseções para discussão: na primeira subseção, observamos as noções de “certo” e “errado”, já que impactam quanto aos possíveis julgamentos ocasionados à dadas variedades linguísticas; na segunda, concentramo-nos no conceito de preconceito linguístico, para observarmos a compreensão da coleção quanto a este aspecto.

4.2.1 Noções de “certo” e “errado”

As discussões no âmbito da Sociolinguística, como explicitadas em nosso capítulo teórico, nos mostram que, muitas vezes, noções de “certo” e “errado” são relacionadas ao emprego da língua, principalmente, no contexto de sala de aula. Contudo, vale ressaltar, conforme Bagno (2007), que:

[...] na perspectiva das ciências da linguagem, **não existe erro na língua**. Se a língua é entendida como um sistema de sons e significados que se organizam sintaticamente para permitir a interação humana, toda e qualquer manifestação linguística cumpre essa função plenamente (BAGNO, 2007, p. 61, grifo do autor).

Diante disso, é fundamental quebrar com esses paradigmas, uma vez que não são erros, mas, sim, variedades linguísticas diferentes. Sendo assim, compete às instituições escolares mostrarem aos seus alunos que se tratam de diferenças, e não de “erros”, ou seja, formas diferentes de se fazer uso dos recursos disponíveis na língua.

Nesse sentido, ainda percorrendo os aspectos relativos às diversas variedades linguísticas, identificamos, no volume 6 da coleção, uma abordagem sobre as variedades urbanas de prestígio, ou seja, aquelas usadas de maneira mais formal por pessoas de maior prestígio social e cultural, assim como a noção de norma-padrão, indicando-se ser relativa ao modelo de uso da língua apresentada em gramáticas e dicionários.

Figura 34: Informações sobre variedades urbanas de prestígio

<p>ele se veste e fala de uma maneira que não é esperada para a ocasião. Sua linguagem muito formal contrasta com o espírito descontraído que caracteriza a prática do surfe.</p> <p>Como você já viu, a língua apresenta variações. Todos falam diversas “línguas” dentro de sua língua, escolhendo a variedade linguística mais adequada para cada situação comunicativa.</p> <p>Desde que começamos a falar, fomos naturalmente aprendendo as palavras e o contexto de seu uso, assim como as principais regras de seleção e combinação delas para formar frases em nossa língua. Fomos nos familiarizando também com as características dos vários gêneros. Por isso, conseguimos nos comunicar uns com os outros. Cabe à escola, entretanto, ampliar esse uso da linguagem, criando oportunidade para que conheçamos a fala e a escrita de maior prestígio social.</p> <p>As variedades linguísticas empregadas pelas pessoas que usufruem de maior prestígio cultural e social são chamadas variedades urbanas de prestígio.</p>	<p>Você já ouviu falar de norma-padrão? Essa expressão identifica um modelo de uso da língua descrito nas gramáticas e nos dicionários. Ela é apenas uma referência, já que, no uso cotidiano da língua, ninguém segue rigorosamente todas as orientações gramaticais. Até mesmo os falantes das variedades urbanas de prestígio, que têm mais contato com essa norma, optam por outras construções em situações informais.</p>
--	--

Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem- volume 6 (2018, p. 65)

Observa-se, na Figura 34, que foram destacadas algumas informações importantes para o entendimento das variedades de prestígio social. Essas informações são necessárias para que os alunos tenham oportunidade de conhecer os diferentes modos de linguagem e ampliá-los, podendo alterar-se de acordo com cada contexto de comunicação ou escrita.

Nessa perspectiva, compete à escola ensinar a norma culta para que o aluno amplie suas competências, mas sempre preservando os saberes adquiridos antes, em seu contexto social. Portanto, conforme reforça Bortoni-Ricardo (2005), é fundamental que:

[...] se preservem os saberes sociolinguísticos e os valores culturais que o aluno já tenha aprendido antes, no seu ambiente social. [...] A aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, que deverá aprender a empregar uma variedade ou outra, de acordo com as circunstâncias da situação de fala (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 26)

Desse modo, compreende-se que toda variedade linguística tem sua importância. Portanto, o que vai diferenciar é o fato que envolve a ocasião do ato comunicativo, na qual o indivíduo pode empregar uma determinada variedade a depender da situação comunicativa, adequando a linguagem conforme achar necessário. Ainda ao discutir sobre as variedades urbanas de prestígio, o livro didático em questão faz interessante ponderação relacionada às noções de “certo” e “errado”, como é possível visualizar na Figura 35.

Figura 35: Informações sobre noções de certo e errado

As variedades urbanas de prestígio são usadas em livros, jornais, revistas, entrevistas de emprego e discursos políticos, entre outras situações de comunicação importantes para nossa prática social. Portanto, é necessário dominá-las para que possamos participar de todas as atividades de nossa sociedade.

Isso não significa, porém, que apenas tais variedades devem ser vistas como “certas”. Não existe um modo único de uso da língua e, por isso, não é correto desvalorizar as variedades usadas por outros grupos. Considerá-las “erradas” revela incompreensão de como funciona a língua e resulta em preconceito linguístico.

Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem- volume 6 (2018, p. 66)

É abordado, mesmo que de forma breve, que tais variedades não devem ser vistas como as únicas “certas”, pois é fundamental respeitar todos os tipos de variedades linguísticas, uma vez que não há apenas uma forma de se utilizar a língua. Desse modo, quando não respeitamos as diversas variedades linguísticas, acabamos contribuindo para o preconceito linguístico, no qual acabamos apontando as outras variedades como se fosse um “erro”, sendo que essa noção é equivocada, pois não existe uma variedade “certa”, mas, sim,

variedades linguísticas diferentes, usadas de acordo com o contexto, grupos e situação de comunicação. Verifica-se que os autores trazem essas informações para tratar, aparentemente, de um aspecto voltado para o preconceito linguístico, já que remete a noções de “certo” e “errado”, o que pode colaborar para uma melhor compreensão do aluno sobre a questão levantada.

Faz-se necessário destacar também, especialmente por estarmos analisando os manuais destinados aos professores, algumas notas de apoio apresentadas pela coleção *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* destinadas a um possível melhor entendimento de aspectos levantados pelos livros didáticos para didatização do professor em sala de aula. Um exemplo disso é visto a partir da Figura 36.

Figura 36: Notas de apoio direcionada ao professor-volume 6 e 9

<p>Os tópicos “A língua varia” e “Preconceito linguístico” exigirão uma exposição teórica detalhada. Sugerimos que você leia o texto parando em alguns pontos para esclarecer o que foi dito e desenvolver, por meio de novos exemplos, os conceitos observados. Oriente os alunos a tomar nota das ideias principais ao longo da exposição. Ajude-os, alertando-os sempre que uma informação for importante. Ao final, peça a dois deles que leiam as informações selecionadas.</p> <p>Para iniciar, faça uma atividade de aquecimento. Peça aos alunos que mandem mensagens pelo WhatsApp entre si combinando um passeio. Se forem poucos os que têm <i>smartphone</i>, a atividade deve ser feita em grupo. Após o envio, pergunte-lhes se usaram algum elemento linguístico que não empregariam para produzir, por exemplo, uma notícia para um jornal da escola: abreviações, palavras sem acento, desconsideração da concordância, uso de <i>emo-ticons</i> etc. Se sim, pergunte o motivo, que provavelmente estará ligado à intimidade com o receptor, à informalidade da situação e ao uso da internet. Se não, questione igualmente o motivo: é possível que tenham evitado alguns recursos em razão de a mensagem ter sido produzida em contexto escolar. Os dois casos permitem a introdução da ideia de que a língua varia para se adequar às situações de comunicação.</p>	<p>A CELP 1 indica a importância de o estudante compreender “a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem” (BNCC, p. 85). Como desdobramentos, a CELP 4 e a CELP 5 tratam da compreensão do fenômeno da variação linguística e do emprego, nas interações sociais, da variedade e do estilo de linguagem adequados. Todas as atividades de leitura da coleção consideraram esses pressupostos; por isso, com frequência, o aluno é chamado a pensar as particularidades da linguagem em relação à situação comunicativa, aos interlocutores e ao gênero em uso.</p> <p>Para amparar você, já no volume do 6º ano foram exploradas as noções de variação linguística, adequação e preconceito, de modo a organizar e ampliar as observações que vinha fazendo desde os anos iniciais do Ensino Fundamental. Nas seções Mais da língua deste capítulo e do próximo, que abrem o volume do 9º ano, revisitamos essas noções, agora nos valendo do conhecimento que foi adquirido ao longo dos últimos anos, o qual permite observações mais acuradas. Incluímos, também, uma breve apresentação do histórico de formação da língua portuguesa, apontando influências que resultaram na construção da variedade usada pelos brasileiros. Sugerimos que essa</p>
--	---

Fonte: Livro *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*-volume 6 (2018, p. 63) e volume 9 (2018, p. 30), respectivamente

Como indicado, além das possíveis respostas propostas para as questões das atividades, os autores dessa coleção disponibilizam também notas de apoio, que buscam auxiliar na maneira como o professor pode trabalhar sobre determinado conteúdo em sala de aula, destacando algumas informações importantes para o professor de modo a colaborar com a apresentação do conteúdo aos alunos.

Nas duas notas destacadas na Figura 36, retiradas dos volumes 6 e 9, respectivamente, percebemos que tem como função auxiliar e orientar o professor no processo da abordagem da variação linguística e preconceito linguístico. Desse modo, são apresentadas alternativas que podem contribuir para que o professor consiga auxiliar seus alunos no processo de ensino e aprendizado (como as atividades de “aquecimento” indicadas).

Para além dos aspectos até aqui mencionados, falta-nos analisar de maneira mais detida o conceito de preconceito linguístico apresentado nos livros em destaque, como é possível de perceber na subseção a seguir.

4.2.2 Conceito de preconceito linguístico

Conforme discutido por Bagno (2015):

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna desse nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (BAGNO, 2015, p. 64).

Nessa perspectiva, compreende-se que o preconceito linguístico acontece, primeiro, por um sentimento de superioridade, em que alguns indivíduos acham que o modo como eles falam é melhor do que a maneira adotada por outra pessoa. Além disso, o preconceito linguístico acontece pela falta de conhecimento sobre os estudos linguísticos, ou seja, quando um indivíduo não sabe sobre as transformações por que a língua passa, tende a apontar a manifestação linguística do outro como feia e errada. Desse modo, o indivíduo passa a achar que somente a forma que ele fala é a correta e é a que tem mais prestígio, e demais não têm valor e são erradas.

Diante disso, cabe ao falante saber separar e compreender que a língua é uma coisa e a gramática normativa é outra, uma vez que as gramáticas trazem um conjunto de regras estipulado especialmente por uma forma de escrita “erudita” dos livros clássicos da literatura.

Em vista disso, apontam que existe uma forma certa e errada de falar e escrever. Sendo assim, “ditam” como deve ser o português oficial. Já a língua, é um instrumento vivo de comunicação, realizando-se de maneira dinâmica e heterogênea. Consequentemente, existe a variação linguística, a qual vai depender do contexto social e comunicativo em que o indivíduo está inserido. Portanto, o preconceito linguístico surge dessa confusão existente entre o que são as gramáticas e a língua.

De modo a buscar perceber como a coleção em análise apresenta essas noções, buscamos trechos nos livros que indicassem tal trabalho. Sendo assim, verificamos um trabalho realizado pelo volume didático 6, em um tópico intitulado “Preconceito linguístico”, que apresenta uma discussão através de um cartum do ilustrador paulista Roberto Kroll (já mencionado neste trabalho), conforme mostra a Figura 34:

Figura 37: Tópico Preconceito linguístico

Preconceito linguístico

Lêa este cartum do ilustrador paulista Roberto Kroll.



Roberto Kroll

Abuse da língua

É muito comum reconhecermos particularidades na fala de moradores de outras regiões. Você conseguiria imitar um falante de uma região distante da sua? E um de sua própria região? Quando alguém imita uma pessoa de sua região, que palavras ou sotaque ele usa?

Resposta pessoal.

O humor da ilustração é criado pela inadequação de um dos personagens: ele se veste e fala de uma maneira que não é esperada para a ocasião. Sua linguagem muito formal contrasta com o espírito descontraído que caracteriza a prática do surfe.

Como você já viu, a língua apresenta variações. Todos falam diversas “línguas” dentro de sua língua, escolhendo a **variedade linguística mais adequada** para cada situação comunicativa.

Você já ouviu falar de **norma-padrão**? Essa expressão identifica um modelo de uso da língua descrito nas gramáticas e nos dicionários. Ela é apenas uma referência.

Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem - volume 6 (2018, p. 65)

Ao analisarmos as discussões propositadas por esse tópico, percebemos certos desalinhamentos entre o que é apresentado e aquilo que esperávamos encontrar – isto é, uma exploração da noção do que seja preconceito linguístico. Encontramos, nesse caso, a explanação do cartum do ilustrador paulista Roberto Kroll, que, a nosso ver, remete a um exemplo de variação diafásica ou estilística. Em vista disso, é abordada uma situação que remete ao contexto comunicativo e às interações, com destaque para o modo como o estilo de fala é concretizado por um dos personagens. Nesse cartum, o indivíduo emprega o uso mais

formal da língua, o que não é tão adequado para determinada situação (relacionados ao surf e à praia).

Sendo assim, podemos dizer que os autores não tratam de fato do conceito de preconceito linguístico, nem apresentam situações em relação ao assunto em questão, o que seria de fundamental importância para que o aluno refletisse sobre tal temática. Essa situação torna-se contraditória para um tópico cujo título é “Preconceito linguístico”, o que cria a expectativa de que o livro em questão irá abordar as noções necessárias para compreensão desse aspecto, fato não confirmado na análise dos dados.

Por conseguinte, ainda percorrendo os aspectos relativos ao preconceito linguístico, identificamos, no volume 9 da coleção, uma nota de apoio que trata sobre esse assunto, como podemos visualizar na Figura 35.

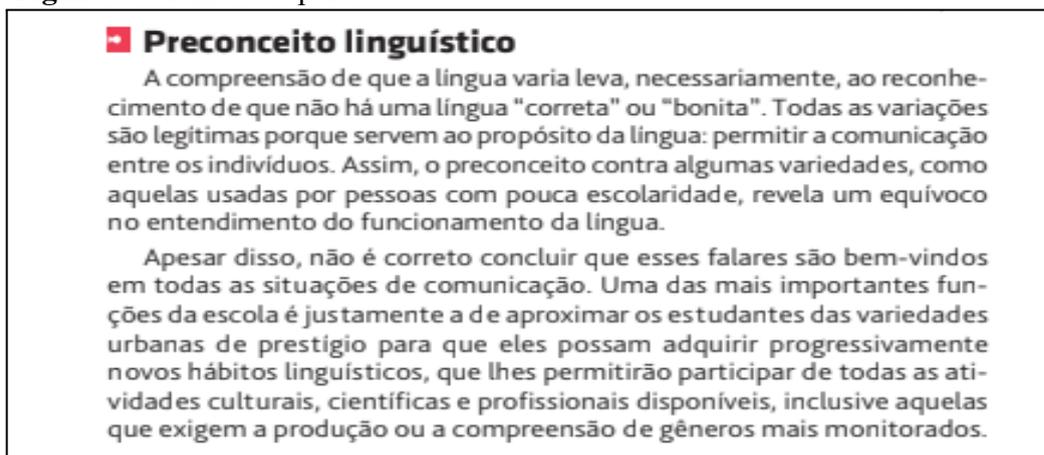
Figura 38: Nota de apoio

A reflexão sobre os níveis de linguagem e o combate ao preconceito linguístico iniciaram-se no livro do 6º ano, quando os conceitos foram apresentados e discutidos nas atividades, e tiveram continuidade nos anos seguintes. Toda a abordagem da língua e dos gêneros textuais consideraram essa dimensão. Neste capítulo, o objetivo é ampliar a proficiência do aluno na enunciação dos fenômenos que observa.

Fonte: Livro Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem- volume 9 (2018, p. 69)

Notamos que na nota de apoio encontrada no volume 9 diz que todas as reflexões feitas sobre o combate ao preconceito linguístico iniciaram-se no volume 6 e perpassam nos demais volumes, sendo ampliado no volume em questão (volume 9). Contudo, o que podemos constatar é um certo equívoco na colocação, pois, na verdade, não localizamos uma abordagem direta e explicitamente relacionada ao combate do preconceito linguístico. Como ressaltado anteriormente, o que se apresentou no volume 6, no tópico intitulado “Preconceito linguístico”, foi uma explanação sobre variação estilística.

Dando sequência à análise, identificamos no volume 9 da coleção um texto de apoio explicativo, em um tópico com o mesmo título empregado no volume 6, em que se destacam informações sobre a noção de língua “correta” ou “bonita” e as variedades urbanas de prestígio. O referido texto encontra-se na figura a seguir:

Figura 39: Texto de apoio

Fonte: Livro *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*- volume 9 (2018, p. 72)

Ao analisarmos esse fragmento, apesar de se trazer uma noção de que “o preconceito contra algumas variedades [...] revela um equívoco no entendimento da língua”, percebemos que não há um aprofundamento quanto ao real conceito de preconceito linguístico. Um ponto importante que devemos ressaltar encontra-se na seguinte parte: “Apesar disso, não é correto concluir que esses falares são bem-vindos em todas as situações de comunicação”. Esse ponto destacado não já estaria contribuindo para uma inadequada compreensão do preconceito linguístico? Mesmo sendo necessário reconhecer que certas situações demandam graus mais elevados de formalidade, a maneira como o livro expõe tal aspecto parece-nos perpetuar que as variedades que não pertencem às variedades urbanas de prestígio não são bem-vindas em todas as situações.

Alkmim (2001) nos lembra que o preconceito linguístico nasce do julgamento, de natureza política e social, do falante, o que gera, dentre outras, a intolerância linguística, com rejeição a certas variedades linguísticas. O que percebemos nos fragmentos analisados, contudo, nos indica que o entendimento de preconceito linguístico, para a coleção de livros didáticos em análise, estaria relacionado apenas num aspecto de adequação ao contexto de comunicação. Remeter à noção de adequação/inadequação não levaria a uma possível culpabilização da vítima com relação a uma situação de preconceito linguístico vivenciada? Uma vítima de preconceito linguístico estaria “errada” por não se adequar à situação comunicativa?

As interrogações levantadas, no desejo de refletir sobre a maneira como os livros didáticos abordam noções de preconceito linguístico, nos direciona a pensar que o caminho seguido nesses manuais pode ser perigoso e perpetuar compreensões desacertadas sobre o aspecto destacado. A nosso ver, seria mais viável que os volumes apresentassem o real

conceito de preconceito linguístico e, a partir disso, mostrasse que toda e qualquer variedade linguística é bem-vinda – mesmo que, em algumas situações de comunicação, compete ao falante compreender que podemos adequar o uso da língua. Caberia destacar, de igual modo, como atitudes preconceituosas são prejudiciais à vivência em sociedade e que, em muitos casos, os preconceitos linguísticos remontam preconceitos de outras ordens, tais como os socioeconômicos. Diante do exposto, portanto, consideramos que a compreensão sobre preconceito linguístico apresentada pela coleção é precária, cabendo ao professor, ao utilizar tais volumes, a missão de ampliar as noções em foco.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta investigação, tivemos por objetivo analisar a abordagem dada à variação linguística nos livros didáticos de Língua Portuguesa da coleção *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*, destinados ao ensino fundamental II. Especificamente, visamos identificar os tipos de variação linguística abordadas, examinar o tratamento dado às atividades sobre variação linguística propostas e refletir sobre a abordagem do preconceito linguístico dada pelos referidos livros didáticos.

Realizamos, para isso, uma pesquisa inserida na Linguística Aplicada e classificada como descritiva, do ponto de vista de seus objetivos, e como documental, de acordo com seus procedimentos técnicos, além de terem sido adotados pressupostos da abordagem qualitativa de investigação. Também utilizamos os princípios da análise de conteúdo para a concretização das análises de nossos dados, a fim de cumprir com os objetivos propostos.

De modo geral, percebemos que, dentre os 4 volumes que compõem a coleção *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*, são os volumes 6 e 9 os que mais abordam questões referentes às variedades linguísticas. Essas abordagens são feitas, especialmente, por meio de charges, tirinhas, cartuns, anúncio, memes, etc. Tal cenário pode remeter a algo similarmente percebido por Bagno (2007) ao analisar a questão da variação linguística em livros didáticos de português. Segundo o autor, muitos manuais didáticos tratam da variação linguística somente por meio de tirinhas do personagem Chico Bento, letras de samba de Adoniran Barbosa e poemas de Patativa do Assaré. O fato que o autor chama a atenção é que esses textos não são, necessariamente, representações fiéis de variação linguística, uma vez que as opções gráficas empregadas em textos dessa natureza visam criar uma atmosfera peculiar para inserção do leitor/ouvinte num universo social e cultural diferente daquele que vem convencionalmente representado pela ortografia oficial, o universo urbano letrado. Não há nenhum compromisso com o rigor da pesquisa científica no âmbito da Sociolinguística.

Outro aspecto importante que foi percebido durante as análises, foi o fato de que em alguns momentos a variação linguística é tratada pelo viés do humor, o que de certo modo a variação linguística passa a ser vista como algo cômico. Consequentemente, isso pode contribuir para a propagação do preconceito linguístico.

Mesmo assim, de acordo com as análises da coleção em questão, concluímos que existem abordagens das variedades linguísticas em cada um dos volumes. Porém, há situações em que deveria haver um maior aprofundamento do conteúdo trabalhado, em vista de que, às

vezes, boa parte dos exemplos trazidos de variedades linguísticas são produções literárias elaboradas por escritores. Compreende-se que a melhor forma de se abordar assuntos como a variedade linguística seria por meio de transcrições de falas cotidianas, tais como: entrevistas, bate-papo, reportagem etc. (o que, inclusive, ocorre em alguns poucos momentos dos livros, como destacado em partes de nossa análise), pois de fato é onde há o emprego real de variedades linguísticas em variados contextos de comunicação.

Mesmo assim, percebemos nos quatro volumes didáticos questões que abordam as variedades linguísticas, o preconceito linguístico e os diversos fatores, o que tende a contribuir para o processo de reflexão do alunado. Destaca-se, ainda, o fato de haver uma diversidade de variedades sendo ressaltadas pelos livros didáticos (geográfica ou diatópica, social ou diastrática, diamésica, estilística ou diafásica, histórica ou diacrônica), o que é fator positivo para ampliar a compreensão do alunado. Outro ponto verificado é que, geralmente, encontramos a abordagem da variação linguística mais voltada para trabalhar questões gramaticais, atentando-se para o grau de formalidade, classificação sintática, entre outros assuntos propostos pela gramática normativa, o que, às vezes, remete a uma ausência de outros fatores importantes sobre o uso da língua e reflexão dos fenômenos linguísticos. De todo modo, podemos dizer que a abordagem de conteúdo da variação linguística nos livros didáticos se constitui com significativos avanços, visto que encontramos bastantes objetos para serem analisados.

Porém, quando refletimos sobre as noções de preconceito linguístico apresentadas, observamos que essa abordagem na coleção é precária, pois apresenta seções intituladas como preconceito linguístico, mas na verdade o que se trata durante as seções são compreensões equivocadas sobre o aspecto destacado. Em vista disso, não é apresentado o real conceito de preconceito linguístico. Nesse caso, compete ao professor buscar outros recursos que possam servir como instrumento didático, para que seja possível tratar e ampliar as noções sobre o que realmente é o preconceito linguístico. Isso porque se o professor apenas se prender ao que tais volumes trazem poderão ser perpetuadas incompreensões em relação ao entendimento da língua.

Diante disso, os resultados dessa pesquisa são importantes, pois nessa investigação pudemos verificar e comprovar que há avanços – que, certamente, influenciam dentro das salas de aula – em relação à abordagem da variação linguística, uma vez que os livros didáticos escolhidos para serem suporte da prática do professor apresentam diversas possibilidades de se trabalhar esse conteúdo dentro do contexto escolar, apresentando vários exemplos, mesmo que sejam apenas tirinhas, charges, cartuns etc. Portanto, compete ao

professor buscar outras formas de aprofundar esse assunto nas aulas de Língua Portuguesa, para que não se prenda apenas ao livro didático, visto que, às vezes, alguns aspectos apresentados podem causar certa superficialidade. Então, é fundamental que dentro do contexto escolar busque-se fazer um encadeamento entre as diferentes práticas e suportes didáticos, para que se obtenha um ensino mais amplo e significativo.

Dessa maneira, torna-se importante que os docentes, assim como os demais envolvidos no processo de ensino, busquem estratégias de se trabalhar com a abordagem da variação linguística, para que cada vez mais esse assunto possa ganhar espaço no contexto escolar, auxiliando no combate de atitudes de preconceito linguístico. Em face do exposto, os resultados dessa pesquisa encaminham para outras investigações, pois é fundamental que estejamos sempre atentos para as formas que os livros didáticos abordam a variação linguística. Nessa perspectiva, espera-se que pesquisas como essa sejam feitas em busca de novos resultados e inovações significativas, principalmente, para atentar-se ao fato do porquê os livros didáticos ainda ficam tão presos ao uso apenas de gêneros ficcionais, e não focam mais em interações comunicativas reais. Conseqüentemente, os dados analisados aqui convergem a muitas indagações a serem feitas futuramente.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. *In*: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro & interação**. São Paulo. Editora Parábola, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: Por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. ed. rev. e ampl. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Textos: seleção variada e atual. *In*: DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Campina Grande: EDUFPG, 2020. p. 47-66.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROUX, Lionel-H; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro (org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 295-314.
- FIORIN, José Luiz (org.). **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.
- GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Compreensão de texto: Algumas reflexões. *In*: DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Campina Grande: EDUFPG, 2020. p. 47-66.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de lingüística aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Introdução: fotografias da Linguística Aplicada brasileira na modernidade recente: contextos escolares. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Linguística aplicada na modernidade recente**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2013. p. 15-37.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes. Política para o Ensino da Língua: desafios da contemporaneidade. *In*: MILREU, Isis; RODRIGUES, Márcia Candeia (org.). **Ensino de língua e literatura: políticas, práticas e projetos**. Campina Grande: Bagagem/UFMG, 2012. p. 17-34.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem**. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2018.

RANGEL, Egon Livro didático de Língua Portuguesa: o retorno do recalcado. *In*: DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Livro Didático de Português: Múltiplos olhares**. Campina Grande: EDUFCG, 2020, p. 13-24.

ROJO, Roxane. Materiais didáticos no ensino de línguas. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Linguística aplicada na modernidade recente**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2013. p. 163-195.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. **Linguística Aplicada: ensino de língua materna**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.